



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA**

JAIR BORO MUNDURUKU

**CAMINHOS PARA O PASSADO:
OCA'Õ, AGÕKABUK E CULTURA MATERIAL MUNDURUKU**

SANTARÉM – PA

2019

JAIR BORO MUNDURUKU

CAMINHOS PARA O PASSADO:

OCA'Õ, AGÕKABUK E CULTURA MATERIAL MUNDURUKU

Trabalho de conclusão de curso, Curso de Arqueologia, Programa de Antropologia e Arqueologia, para obtenção do grau de Bacharel em Arqueologia, Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade.
Orientadora: Dra. Bruna Cigaran da Rocha
Co-orientador: Vinicius Eduardo Honorato de Oliveira

SANTARÉM – PA
2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/ UFOPA

- M965 Munduruku, Jair Boro
Caminhos para o passado: Oca?õ, Agõkabuk e cultura material Munduruku. /
Jair Boro Munduruku. – Santarém, 2019.
65 p.: il.
Inclui bibliografias.
- Orientador: Bruna Cigaran da Rocha
Co-orientador: Vinicius Eduardo Honorato de Oliveira
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do
Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Programa de Antropologia e
Arqueologia, Bacharelado em Arqueologia.
1. Povo Munduruku. 2. Arqueologia Indígena. 3. Rio Tapajós e Trombetas. I.
Rocha, Bruna Cigaran da, *orient.* II. Oliveira, Vinicius Eduardo Honorato de, *co-*
orient. III. Título.

CDD: 23 ed. 305.8098115

Bibliotecária - Documentalista: Mary Caroline Santos Ribeiro – CRB/2 566

ERRATA

A palavra “agõkabuk” está grifada incorretamente na folha de aprovação, com um “u” ao invés do “õ” e com um acento agudo sobre o segundo “u.” Não foi possível refazer a folha de aprovação já que o Prof. Jairo Saw não vive em Santarém, tendo viajado especialmente para a defesa.



JAIR BORO MUNDURUKU

***Caminhos para o passado:
Ocaõ, Agukabûk e Cultura Material Munduruku***

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Instituto de Ciências da Sociedade – ICS, Programa de Antropologia e Arqueologia – PAA da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de Bacharel em Arqueologia.

Orientadores: Profa. Dra. Bruna Cigaran da Rocha
Prof. Ms. Vinicius Eduardo Honorato de Oliveira

Defesa: Santarém – PA, 26/11/2019

Conceito: dez (10)

BANCA EXAMINADORA

Dra. Bruna Cigaran da Rocha
Programa de Antropologia e Arqueologia - Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Jairo Saw Munduruku
Professor e Historiador Munduruku

Dra. Camila Pereira Jacome
Programa de Antropologia e Arqueologia - Universidade Federal do Oeste do Pará

Dr. Raoni Bernardo Maranhão Valle
Programa de Antropologia e Arqueologia - Universidade Federal do Oeste do Pará

Dedico este trabalho à minha família –
Hilda Koro, Jamile e Jadiel Boro – que me
motiva a lutar pela minha aprendizagem,
para que a nossa vida seja melhor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família, minha esposa Hilda Koro, meu filho Jardiel Boro e minha filha Jamily Boro que estão sempre juntos comigo. Vocês são pessoas que me deram a felicidade. Agradeço também aos meus parentes que ajudaram a me dar todas as condições necessárias para que eu pudesse me dedicar aos estudos. Muito obrigado a meu pai Acreano Borõ, ao meu tio Martinho Borõ, à minha tia Leonora Koro e à minha prima Jacirene Borõ, desejo muita felicidade a vocês! Agradeço à minha mãe que não viveu para ver eu terminar o meu curso mas que sempre me incentivou a estudar.

Agradeço ao povo Munduruku, às associações Pariri, Pusuru e Wakoborun, ao movimento Ipereg Ayû e às lideranças. Com a luta de vocês eu cheguei à universidade e com a sua permissão pude desenvolver esta pesquisa.

Agradeço também à comunidade Caroyal Rio das Tropas e às outras aldeias também por permitirem que fizéssemos uma etapa de campo lá, e colaboraram com o levantamento arqueológico que foi desenvolvido no território Munduruku no Rio das Tropas. Espero que vocês continuem contribuindo comigo e que vocês gostem do trabalho.

Agradeço à Rosamaria Loures por todo o apoio à minha pesquisa e pela amizade.

Agradeço às professoras e os professores do Programa de Antropologia e Arqueologia que contribuíram para a minha formação como futuro arqueólogo indígena Munduruku. A professora Anne Rapp Py-Daniel também atuou como minha orientadora no meu primeiro PIBIC e me ajudou com leituras e interpretações de texto.

Agradeço à banca, professores Camila Jácome, Raoni Valle e Jairo Saw Munduruku. Agradeço à Society for the Anthropology of Lowland South America por proporcionar a vinda do professor Jairo para este momento importante.

Agradeço ao LAVAI e ao professor Raoni que ofereceu o espaço para eu estudar.

Agradeço aos meus colegas Munduruku, Eliano Kirixi e Aldilo Kabá, pelo companheirismo.

Agradeço ao professor e historiador Munduruku Jairo Saw que me orientou sobre a história e língua do nosso povo.

Agradeço ao meu amigo Hugo Tavares que foi como um orientador, me ajudando com as atividades e com a língua portuguesa.

Agradeço ao meu amigo Morgan Schmidt que me acompanhou até o Rio das Tropas e me ensinou como fazer os registros em campo. Agradeço também pelos mapas.

Agradeço à Lana Guimarães Melo pela ajuda com formatação de referências bibliográficas.

Agradeço muito e muito obrigado mesmo aos meus orientadores, professora Bruna e professor Vinicius Honorato de Oliveira. Vocês são meus grandes parceiros e amigos e agradeço pelo ensinamento e paciência ao me ensinar a pensar na arqueologia e como a história Munduruku pode ser estudada pela arqueologia.

A minha pesquisa recebeu recursos importantes que possibilitaram que eu seguisse com o trabalho e permanecesse na universidade. A Native American Scholarships da Society for American Archaeology possibilitou que fosse para o rio das Tropas. Recebi recursos da UFOPA, pelo PIBIC-Ações Afirmativas, em três anos diferentes, para realizar projetos de iniciação científica, que foram muito importantes para eu poder desenvolver o trabalho. Recebi também o apoio da UFOPA para ir apresentar meu trabalho na Semana Internacional de Arqueologia dos Discentes MAE-USP em 2016, na USP. A bolsa permanência da UFOPA foi fundamental para me manter na universidade. Espero que estudantes indígenas e quilombolas continuem recebendo esta ajuda.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso em arqueologia apresenta uma pesquisa sobre a história do povo Munduruku - Wuy juyũyũ a partir de suas vozes, da arqueologia, da cultura material e de documentos escritos, com foco sobre o rio das Tropas, afluente do alto rio Tapajós, região que até hoje não foi estudada. Esta representa uma nova forma de fazer arqueologia, que é uma Arqueologia Munduruku, guiada pelo conhecimento e pelas demandas do povo. Dentro desta proposta apresentamos conceitos nossos para a arqueologia, como as agõkabuk. É muito importante para nós Wuy juyũyũ escrever o que não está registrado nos livros sobre o que nós sabemos da nossa própria história e cultura. Queremos escrever e (re)construir a nossa história a partir da memória oral, das coisas e lugares do passado, porque nós Wuy juyũyũ nos preocupamos com a perda do conhecimento da nossa história após as mortes dos velhos contadores de histórias.

Palavras-chave: Povo Munduruku, Arqueologia Indígena, Rios Tapajós e Trombetas

ABSTRACT

This undergraduate dissertation in archaeology presents research on Munduruku - Wuy juyũyũ history, based on our voices, on archaeology, on material culture and on written documents, and focusses on the as yet little studied das Tropas River, which is a tributary of the upper Tapajós river. This represents a new way of doing archaeology, it is Munduruku Archaeology, guided by the knowledge and demands of the Munduruku people. Within this approach we present our concepts for archaeology, such as the agõkabuk. It is very important for us Wuy juyũyũ to record what is not yet written in books about what we know about our own history and culture. We want to write and (re)construct our own history from oral memory, from things and places of the past, because we Wuy juyũyũ are concerned about the loss of knowledge of our history after the death of our elder storytellers.

Key words: Munduruku people, Indigenous Archaeology, Tapajós and Trombetas Rivers

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Movimento dos povos na área do Madeira-Tapajós (séculos XVII a XIX).	17
Figura 2 Vista para o rio Tapajós com barracão onde foi realizada a Assembleia Munduruku do Médio Tapajós em setembro de 2015.	20
Figura 3 Mapa da Região dos rios Tapajós e Baixo Madeira. Figura 4 Mapa do Território atual [em 1957] dos Munduruku.....	23
Figura 5 Mapa da TI Munduruku e FLONA Crepori	37
Figura 6 Placa em um dos limites, junto à margem do rio, da "FLONA Crepori." ...	38
Figura 7 Reunião na aldeia Caróçal Rio das Tropas na qual projeto é apresentado à comunidade. O Professor Donato Saw Munduruku foi o relator da reunião.....	40
Figura 8 Coleta de coordenada GPS de casa na aldeia Caróçal Rio das Tropas...	41
Figura 9 Mapa da localização dos sítios identificados.....	42
Figura 10 Raimundo Kuru Munduruku indica bacia de polimento.	43
Figura 11 Arenito lascado. Figura 3.7. Borda cerâmica temperada com caraipé e quartzo.	44
Figura 12 Caco cerâmico localizado no sítio Mangal.	44
Figura 13 Porto do sítio Akotek.	45
Figura 14 Fragmentos de bordas cerâmicas temperadas com caraipé. Figura 15 Borda cerâmica com impressão.....	45
Figura 16 Porto de sítio Wainunti.	46
Figura 17 Fragmento lítico. Figura 18 Quartzo lascado.	47
Figura 19 Borda cerâmica com tempero de área fina e decoração feita a partir de impressão.....	47
Figura 20 Sítio-aldeia Boca do Caróçal.....	48
Figura 21 Caminho para a floresta, igarapé e para as roças.	48
Figura 22 Rio das Tropas visto a partir da boca do igarapé Caróçal.	49
Figura 23 Caco cerâmico temperado com areia fina.....	49
Figura 24 Área erodida no centro da aldeia Caróçal Rio das Tropas, onde encontramos concentração de vestígios.	50
Figura 25 Bacia de polimento próxima à aldeia Caróçal.	50
Figura 26 Observando o solo por baixo de árvore caída.	51
Figura 27 Quartzo leitoso. Figura 28 Arenito lascado.	52

Figura 29 Fragmento de base cerâmica.....	52
Figura 30 Área de montículos. Observe o solo escuro.....	52
Figura 31 Quatro lâminas de machados polidos com estilos diferentes. Figura 32 Dona Judite Munduruku mostrando machado fragmentado e inteiro.	53
Figura 33 Sítio e agôka Wakoabararak. Figura 34 Porto da aldeia.....	54
Figura 35 Borda cerâmica com tempero de areia fina. Figura 36 Garrafa de vidro avistada na trilha, possivelmente relacionada ao ciclo da borracha.....	54
Figura 37 Wenu, ou castanheira, dentro da agôkabuk Wenudit.....	55
Figura 38 Casa retangular com cozinha acoplada e telhados de brasilit. Figura 39 Casa retangular pintada, feita de madeira com telhado de palha de babaçu.....	56
Figura 40 Casa retangular feita de barro com telhado de palha de babaçu. Figura 41 Casa retangular feita de paxiúba com telhado de palha de babaçu.....	57
Figura 42 Mapa da aldeia Caroçal Rio das Tropas.	57
Figura 43 Montículo linear criada pelo descarte na beira da aldeia Caroçal.. ..	58
Figura 44 Cabeças de animais do mato.....	59
Figura 45 Buraco quase cheio com lixo não orgânico. Figura 46 Casa de privada na beira da aldeia e buraco de descarte já fechado na frente dela.....	60

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Projetos de Iniciação Científica realizados	16
Tabela 2 Nomes, temas, lugares e datas das entrevistas realizadas.	22
Tabela 3 Agõkabuk registradas durante expedição ao rio das Tropas.....	42

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
1.1 Contexto da pesquisa	16
2. OCA'Õ: AS VOZES WUY JUYÛYÛ	19
2.1 Introdução	19
2.1.1 Contexto das entrevistas.....	20
2.2 Metodologia e materiais.....	21
2.2.1 Os entrevistados e os temas abordados.....	21
2.3 Resultados	22
2.4 Discussão.....	32
3. ESTUDANDO AS AGÕKA E AGÕKABUK EM TERRITÓRIOS TRADICIONALMENTE OCUPADOS PELOS WUY JUYÛYÛ NO RIO DAS TROPAS - JOROPADI.	35
3.1 Introdução	35
3.1.1 Trabalho de campo	38
3.2 Metodologia.....	39
3.4 Resultados	41
3.5 Observações etnoarqueológicas em Caroyal rio das tropas.....	55
3.6 Discussão.....	60
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
4.1 Próximas etapas	65
REFERÊNCIAS	66
APÊNDICE A	67
APÊNDICE B.....	68

1. INTRODUÇÃO

Somos os Wuy juyũyũ. O nome “Munduruku” apareceu com os não-índios.¹ Depois de muitos anos ainda não esquecemos sobre quem nós somos! Quando um de nós que ainda não conhecemos chega na aldeia, chamamos eles de Wuy juyũyũ. Isso significa gente, povo, pessoas. Os Wuy juyũyũ foram criados pelo Karosakaybu. O Karosakaybu é o nosso deus. Ele nos deu a cultura, a língua e a vida. Karosakaybu foi o primeiro homem que apareceu sobre a terra como Wuyjuyũyũ. Segundo o ancião e cacique Adriano Saw (com. pess. 2018), os Wuy juyũyũ também se chamavam de Corariwat, que significa o povo tauari, porque usávamos o cinto, tornozeleira e braçadeira feitas da entrecasca da árvore tauari (*Couratari tauari*). No passado ocupamos toda a calha do rio Tapajós – por isso hoje tem Wuy juyũyũ no baixo Tapajós – assim como áreas para o oeste, chegando no rio Madeira, e o baixo Teles Pires (ver Mapa 1.1). Esta grande região também foi ocupada por outros povos indígenas ao longo do tempo.

Eu sempre quis estudar, pensava no futuro e em ter uma vida melhor. Entrei na Universidade Federal do Oeste do Pará em 2014. Comecei no curso de Antropologia, porque eu sabia que a Antropologia estuda culturas indígenas. Mas quando tive contato com o curso de Arqueologia, eu encontrei o que queria, que era estudar a nossa história. Foi um grande esforço chegar até aqui. Tive muita dificuldade com a língua portuguesa e com a interpretação de textos, porque a escola na minha aldeia e depois em Jacareacanga não me prepararam para a leitura. A vida em Santarém, com minha esposa e dois filhos pequenos não tem sido fácil, porque temos poucos recursos financeiros e não temos família aqui.

Há quatro anos tenho estudado a história Wuy juyũyũ a partir de sua cultura material, da arqueologia, de documentos escritos, da memória oral e de registros etnográficos. Dentro do projeto *Arqueologia Regional no Alto Rio Tapajós*,

¹ Antes, chamávamos os outros indígenas de pariwat, mas hoje em dia, chamamos de parente. Os nossos vizinhos beiradeiros chamamos de Wuy’juyũyũ. Os brancos chamamos de pariwat.

coordenado pelos professores Bruna Cigaran da Rocha e Vinicius Honorato de Oliveira, conclui três Projetos de Iniciação Científica durante a minha graduação para chegar a estas informações.

Tabela 1 Projetos de Iniciação Científica realizados

Data	Título	Orientador(a)	Fonte de financiamento
2015-2016	<i>Como se faz uma aldeia? História, memória no rio das Tropas.</i>	Bruna Cigaran da Rocha, Anne Rapp Py-Daniel	Programa de bolsas Pibic-UFOPA
2016-2017	<i>Mapeando as agúkabuk em território tradicionalmente ocupados pelo povo Munduruku.</i>	Bruna Cigaran da Rocha, Vinicius Honorato de Oliveira	Programa de bolsas Pibic-Ações Afirmativa da UFOPA e prêmio concedido pela Society for American Archaeology (Native American Scholarships Program).
2018-2019	<i>Lançando olhares arqueológicos sobre expedições naturalistas no rio das Tropas e suas coleções etnográficas.</i>	Bruna Cigaran da Rocha	Programa de bolsas Pibic-UFOPA.

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo geral reunir informações a partir da memória oral e de um levantamento arqueológico sobre a história dos Wuy juyüyü no rio das Tropas, para melhor entendermos o presente desta região específica que até hoje não foi estudada. O rio das Tropas é um afluente da margem direita do alto rio Tapajós que fica entre os rios Mutum (ao norte) e Pacu (ao sul). O rio Tapajós localiza-se ao sul do rio Amazonas. Ele é formado pela confluência do rio Juruena com o rio Teles Pires, na divisa entre os estados do Pará e Mato Grosso. A oeste fica o rio Madeira e a leste, o rio Xingu.

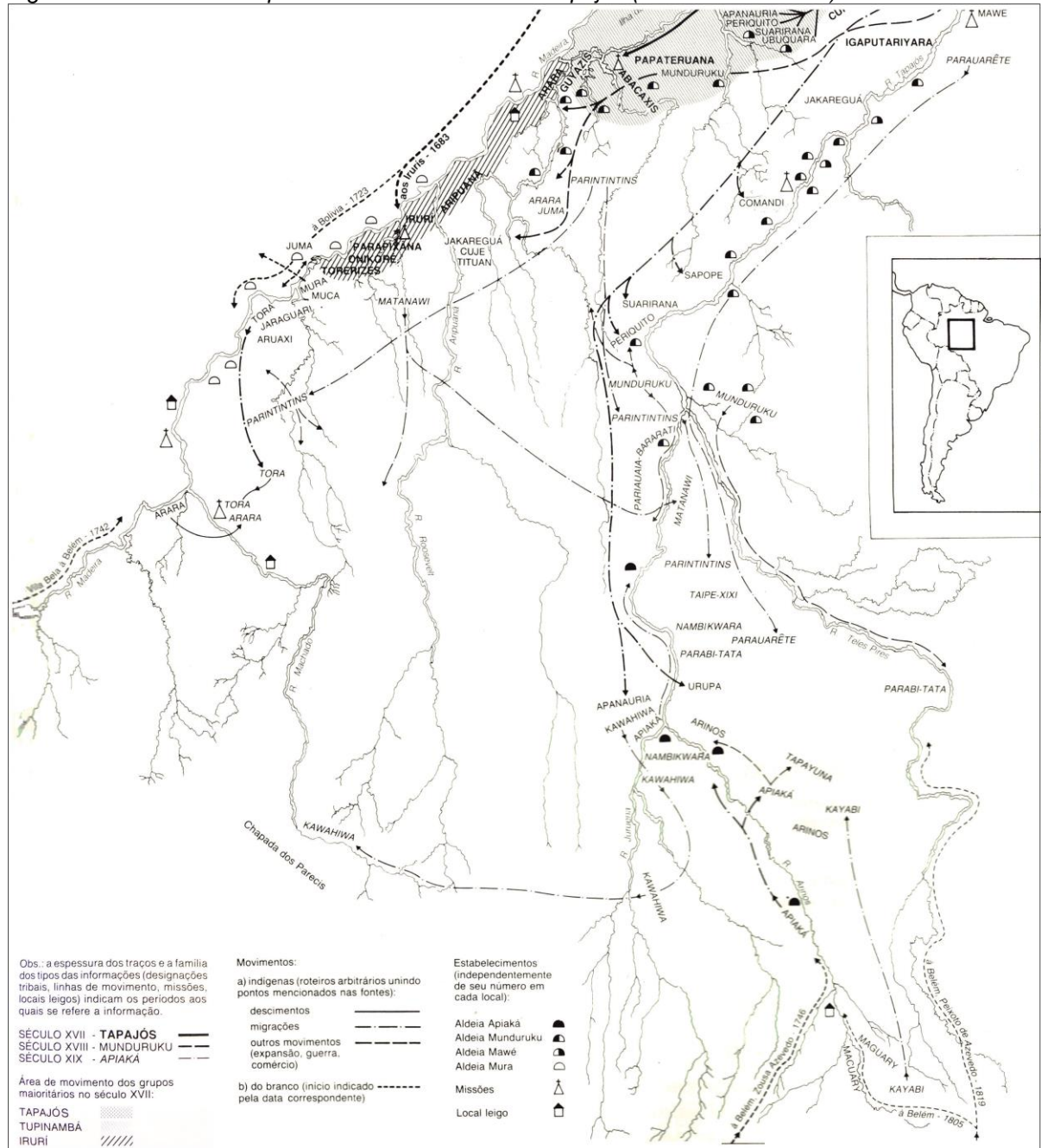
Este TCC está dividido em duas partes, baseadas nas oca'õ (vozes) Munduruku, e sobre um levantamento de campo no rio das Tropas, quando realizei (junto ao pesquisador Morgan Schmidt) uma prospecção de sítios e o mapeamento de uma aldeia Wuy juyüyü atual, junto com observações etnoarqueológicas. É importante dizer que sempre fui orientado pelas vozes Wuy juyüyü, que vem do conhecimento dos nossos ancestrais. Por isso o primeiro capítulo é das Oca'õ, e as informações no segundo capítulo só foram levantadas graças a este conhecimento.

1.1 Contexto da pesquisa

O povo Wuy juyüyü não vive em paz. Vivemos em situação de conflito há muitos anos, porque os nossos territórios têm sido invadidos por garimpeiros e ameaçados

por projetos de infraestrutura, como a construção de barragens hidrelétricas. Essa realidade então faz parte do meu contexto de pesquisa e meu trabalho tem sido orientado para atender questões e demandas relacionadas aos efeitos desses conflitos.

Figura 1 Movimento dos povos na área do Madeira-Tapajós (séculos XVII a XIX).



Fonte: Miguel Menéndez In: Cunha (org.) 1992, p. 293

É muito importante para nós Wuy juyũyũ escrever o que ainda não está nos livros dos historiadores e pesquisadores sobre o que nós sabemos da nossa própria história e cultura. Queremos escrever e (re)construir a nossa história a partir da memória oral e das coisas do passado, porque nós Wuy juyũyũ nos preocupamos com a perda do conhecimento da nossa história após as mortes dos velhos contadores de histórias. Quando os velhos morrerem, quem vai contar as histórias que não estão escritas no livro? Isso prejudica principalmente as crianças Wuy juyũyũ das novas gerações, que correm o risco de não aprender sobre quem somos, de onde viemos e o que já fizemos.

Através do conhecimento arqueológico assumi o meu compromisso com o meu povo para buscar a nossa história a partir da memória e da cultura material do passado. Para mim foi muito importante escrever a nossa própria história. O meu povo Wuy juyũyũ e seus representantes e caciques também acharam importante este trabalho de pesquisa, que quer valorizar a nossa cultura, e eles começaram a apoiar o meu trabalho de pesquisa e o meu desenvolvimento de estudo como acadêmico na universidade. Ao longo desses anos tenho pedido autorização das diferentes representações que atuam na área onde trabalhei (associação Pusuru e movimento Iperẽ Ayũ) e mostrado os resultados do trabalho em assembleias e reuniões do povo Wuy juyũyũ. É preciso sempre consultar, ouvir e cumprir a decisão do povo Wuy juyũyũ, porque temos responsabilidade com o nosso povo. As nossas pesquisas na universidade devem servir ao interesse do povo. Jamais devemos desrespeitar e atropelar as vozes e a organização do povo Wuy juyũyũ. Esta responsabilidade é muito grande, ainda mais porque o meu trabalho de pesquisa estuda a cultura material do povo Wuy juyũyũ do passado.

2. OCA'Õ: AS VOZES WUY JUYÛYÛ

2.1 Introdução

As Oca'õ são um dos caminhos para o nosso passado e por este motivo o meu primeiro capítulo se baseia sobre as Oca'õ. Oca'õ significa “a nossa voz.” Oca'õ é para falar, gritar e cantar; é para defender e para pedir socorro. Hoje em dia, lutamos com a nossa voz e usamos ela para alertar sobre a destruição que nossos territórios estão sofrendo. Por isso queremos apoio para fortalecer a nossa voz, que tem sido levada para longe pelas nossas lideranças. Elas alertam para o avanço da sociedade industrial dentro dos nossos territórios. Oca'õ é para contar a nossa história e relatar o nosso conhecimento, e o que vivemos no presente. Isso é muito importante para guardarmos na nossa memória, que não está no papel.

Os anciões Wuy juyÛyÛ guardam a história dentro deles, eles são as nossas bibliotecas, como disse Amadou Hampatê Ba. Os povos tradicionais africanos também transmitem a sua história assim, como mostrou Jan VANSINA (1965, apud: BURKE 1992). Os nossos anciões têm grande conhecimento acumulado, são professores de histórias Wuy juyÛyÛ. Contam sobre acontecimentos envolvendo o nosso povo, sobre como as coisas (sejam elas casas, cerâmicas ou mesmo corpos) eram feitas e porque, assim como o que não poderia ser feito.

Por isso foi importante ouvir os anciões conhecedores em diferentes momentos desta pesquisa. No primeiro momento, em 2015, em Dace Awatpu no médio Tapajós, eu buscava compreender a perspectiva dos anciões Wuy juyÛyÛ sobre a arqueologia. Perguntei para conhecedores do rio das Tropas que estavam participando da Assembleia do Povo Munduruku do Médio Tapajós o que achavam sobre eu fazer uma pesquisa com os sítios arqueológicos no rio das Tropas. O segundo momento foi em 2016, em diferentes pontos do rio das Tropas, onde fizemos o mapeamento que será apresentado no próximo capítulo.²

² Como todos os meus entrevistados vivem no alto, eu ainda precisarei entrevistar Mundurukus que vivem no médio, que também são grandes conhecedores.

Resolvemos reunir as falas destes diferentes momentos aqui, organizadas por tema. Os anciões me contaram sobre a criação da cultura Wuy juyũyũ e a sua relação com lugares antigos como as aldeias de Wakopadi, Dekojẽm e Kapikpik. Contaram outras histórias também, e me explicaram sobre como alguns de nossos materiais antigos eram feitos.

2.1.1 Contexto das entrevistas

As primeiras entrevistas realizadas ocorreram ao final da Assembleia Geral do Povo Munduruku no médio Tapajós, na aldeia de Dace Awatpu, em setembro de 2015. Durante a assembleia, as lideranças e representantes Wuy juyũyũ manifestaram grave preocupação sobre alguns temas, incluindo: o estado da saúde Wuy juyũyũ; o assassinato de Adenilson Kirixi na Aldeia Teles Pires pela Força Nacional; a ameaça das barragens não construídas e o estrago causado pelas barragens já construídas (como a de Sete Quedas no rio Teles Pires); a presença de pesquisadores não autorizados em nossos territórios; a falta de consulta livre, prévia e informada; as concessões madeireiras dentro de Daje Kapap Eĩpi (na área que os Pariwat chamam de FLONA Itaituba); a extração de madeira ilegal pelos palmiteiros em Daje Kapap Eĩpi; o estrago causado pelo garimpo e a contaminação dos nossos rios. A importante aliança entre os beiradeiros de Montanha e Mangabal e a grande ajuda que eles nos deram com a autodemarcação de Daje Kapap Eĩpi também foi discutida, e o Chico Caititu recebeu um prêmio de reconhecimento pelo trabalho que realizou ao nosso lado.

Figura 2 Vista para o rio Tapajós com barracão onde foi realizada a Assembleia Munduruku do Médio Tapajós em setembro de 2015.



Fonte: Bruna Rocha

2.2 Metodologia e materiais

Os anciões que selecionei para entrevista são especialistas sobre a história e sobre o conhecimento dos Wuy juyũyũ. Nem todos os velhos Wuy juyũyũ sabem falar dessas coisas. Os que sabem receberam esses conhecimentos de seus pais e tios, que receberam o conhecimento das gerações anteriores. Todas as entrevistas foram realizadas em munduruku, e isso foi importante para que os entrevistados pudessem se expressar bem. Se eles tivessem que falar em português, teriam dificuldade em falar. Depois, em Santarém, eu transcrevi todas as entrevistas, e depois traduzi elas para o português.

2.2.1 Os entrevistados e os temas abordados

Eu formulei questionários para as entrevistas que ficaram gravados em minha cabeça. Em 2015, as perguntas variaram de acordo com o entrevistado enquanto que em 2016, eu repeti as mesmas perguntas. O áudio de todas as entrevistas foram gravadas. Em 2015, uma parte das entrevistas também foi registrada em vídeo por Eliano Kirixi Munduruku.³

³ Agradecemos ao Laboratório de Antropologia Visual e Arqueologia da Imagem (LAVAI) pelo empréstimo de equipamentos e apoio posterior, para que eu pudesse trabalhar sobre as gravações no espaço do LAVAI.

2.3 Resultados

A tabela abaixo apresenta os nomes dos entrevistados, os principais temas que abordamos e os locais de entrevista e a data. Uma pergunta feita para todos procurava saber sobre os impactos da criação da FLONA Crepori em 2006 sobre a vida dos Wuy juyũyũ do alto Tapajós.

Tabela 2 Nomes, temas, lugares e datas das entrevistas realizadas.

Nomes	Temas	Aldeias/ Lugares	Datas
Francisco de Assis Manhuary	Presença dos Parintintin e Kaiapó no rio das Tropas, estabelecimento da Aldeia Caroçal Rio das Tropas	Dace Awatpu	25/09/2015
Pastor Josélinho Paigõ	Causas dos deslocamentos munduruku no rio das Tropas, lugares sagrados no rio das Tropas	Dace Awatpu	25/09/2015
Angélica Boro	Fabricação cerâmica, sepultamentos, organização do lixo	Caroçal Rio das Tropas	12/11/2016
Aloizio Ikopi	Estabelecimento de aldeias, fabricação cerâmica (anti-plásticos), machados polidos, flautas, origem das plantas e das roças	Caroçal Rio das Tropas	12/11/2016

A seguir apresento algumas das informações mais importantes que foram levantadas com as entrevistas, às vezes acrescidas de informações que pesquisei em fontes escritas.

- *As mais antigas aldeias Wuy juyũyũ*

O território Wuy juyũyũ, que vai além da Terra Indígena Munduruku e da Terra Indígena Sai Cinza, contém muitos sítios arqueológicos. Existem sítios que eram áreas de habitação antigas, assim como caminhos de acesso para as aldeias antigas. Vestígios como gravuras e pinturas rupestres, fragmentos cerâmicas, machados polidos, instrumentos feitos de ossos e outros materiais fazem parte do nosso patrimônio e estão ligados diretamente com a nossa história.

O Aloizio disse que antigamente o povo Wuy juyũyũ não vivia em aldeias fixas e permanentes, eles viviam em movimento. Por isso eles faziam tapiris que podiam ser preparados rapidamente. Isso só mudou a partir do momento que Daybi reuniu os wuy juyũyũ para morar em um lugar permanente:

“Kuy bima bit kake gũ osodot agõka, Daybi agõka osukamugê kuwat em, agõka’ũm pima i’e’em aypapayũ. Koap’em mat agõka osodot Wakopi be Daibi ka, Wakopadi

boku Daybi kabuk, wara'at ojewekamuġe i'e'em aypapayû Dekojem i wara'at'kabutet osodop kapit pit i. Iteyũ agukayû kuy jeat'cat'kayũ."

"Antigamente não tinha nem uma aldeia, Daybi criou a primeira aldeia. A primeira aldeia tinha o nome de Wakopadi. Era a aldeia do Daybi. Depois veio a aldeia Dekojẽm (Decoma) e a aldeia Kapit pit.⁴ Essas são as aldeias mais antigas do povo wuy juyũyũ".

(Aloízio Ikopi, entrevistado em 12/11/2016, minha tradução)

Além da aldeia Wakopadi, ou Acupari, que fica localizada na cabeceira do igarapé Maropazinho,⁵ Dekojẽm ou Decodema (que fica localizada no campo entre a cabeceira do rio Kadiriri), e Kapikpik (que fica nos campos do alto rio Cururu) são aldeias muito antigas. Em 1875, o Antônio Tocantins (1877) mencionou a aldeia "Necodemus". Na verdade, essa era Dekojẽm.

TOCANTINS (1877) ainda escreve sobre uma caverna com vestígios como ornamentos e braceletes feitos de ouriços de castanhas, de outros artefatos. Esse lugar é conhecido entre os Wuy juyũyũ como Joropari Kõbi e, que significa "a boca do demônio."

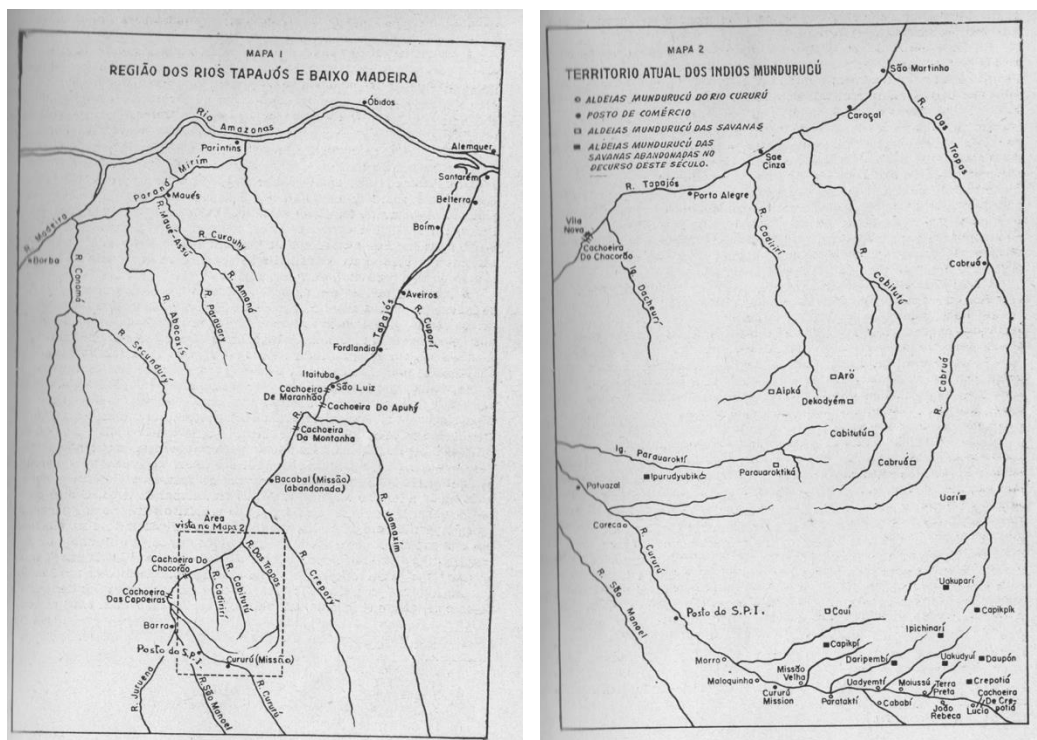
Moradores do rio das Tropas também contam que no rio Kaburua tem uma aldeia antiga conhecida pelos moradores como Karoetabẽgõ onde na beira do rio é proibido acender fogo sobre as pedras. Se acender chove rápido, dizem os moradores.

Os mapas produzidos pelos antrólogos Robert e Yolanda MURPHY (1957), reproduzido abaixo, mostra a localização das primeiras aldeias criadas pelos Wuy juyũyũ. Essas aldeias eram no campo. Essas aldeias são sempre faladas pelos historiadores Wuy juyũyũ porque essa é a nossa origem. Desde então, houve muitas mudanças em nossa história, e os Wuy juyũyũ foram viver nas margens dos rios também.

Figura 3 Mapa da Região dos rios Tapajós e Baixo Madeira. Figura 4 Mapa do Território atual [em 1957] dos Munduruku.

⁴ Esta é outra forma de escrever "Kapikpik."

⁵ Josafa Akay Munduruku, comunicação pessoal, maio 2019.



Fonte: Murphy & Murphy, 1957, pgs. 9 e 11.

- *A Cachoeira do Kerepoca*

Nas cabeceiras do rio Cururu, que é afluente da margem direita do rio Tapajós, tem uma aldeia antiga conhecida como Kerepoca que fica do lado de uma cachoeira. Lá existem várias marcas dos antepassados nas rochas, como gravuras, feições de polimento em forma de bacia e alongados, assim como fragmentos de cerâmica e outros vestígios. Em uma rocha tem a marca de uma pegada do Deus do Povo Wuy juyüyü, conhecido como Karosakaybu. Antes subir para o céu Karosakaybu deixou a sua pegada na rocha. Ainda tem outra forma que parece uma ovelha.

No meio da cachoeira do Kerepoca foram vistas também três pedras em formato de cabeça humana, embaixo da queda d'água. Elas são dispostas de forma que parecem uma mesa. São cabeças dos inimigos dos Wuy juyüyü antigos que foram guardadas ali. Quando voltavam de expedições de guerra na região do Mato Grosso, os antigos Wuy juyüyü traziam as cabeças dos seus inimigos e deixavam ela ali, junto com outros objetos. Até que chegou um momento em que os guerreiros que participaram de uma guerra não queriam mais derramar o sangue dos seus inimigos. Esses guerreiros caíram vivos na cachoeira do Kerepoca. Eles se tornaram os donos dessas cabeças, que caíram na cachoeira para guardar e vigiar o lugar. Por isso a cachoeira do Kerepoca é weoat, ou lugar sagrado. Lá existem

objetos que é proibido de mexer e tocar sem autorização dos espíritos dos ancestrais.

Como o Kerepoca é muito famoso, e como é fácil de pescar piaba lá, muitas pessoas estão visitando e mexendo na área sem autorização dos ancestrais e sem autorização das aldeias próximas. Por isso esse lugar sagrado está correndo perigo. Algumas pessoas já riscaram as pedras e algumas marcas estão sendo apagadas. Este é motivo de grande preocupação para nós.

- *A origem da agricultura antiga entre os Wuy juyũyũ*

Angélica e Aloizio me contaram que antigamente os antepassados não comiam farinha de mandioca torrada porque não existia essa farinha. O Aloizio disse que xĩn significa farinha feita de batata grande, parecida com inhame, conhecida em Wuy juyũyũ como korojõjõ'a. Essa foi a primeira farinha dos Wuy juyũyũ. A korojõjõ'a era ralada com wita, uma ferramenta de pedra, e depois embrulhada na palha de bananeira, e esse embrulho era colocado no assador. As korojõjõ'a era colhido por mulheres Wuy juyũyũ nos campos. Era feito um beijú, feito como um pão. Esse beijú era feito de massa de batata.

Isso mudou quando, antes de morrer, uma velha mulher Karo Ebak pai de agricultura Wuy juyũyũ orientou que uma área de roça deveria ser aberta e que ela deveria ser enterrada dentro dela. Ela explicou como tinha que ser o processamento de farinha torrada. Ela então se transformou em “mãe” das plantas. Nesse lugar apareceram mandioca, banana, milho e inhame e outras plantas. Apareceu também a terra preta.

A macaxeira não faz parte dessa história. Ela foi trazida pelos pariwat. Mas não sei dizer se esses pariwat eram os brancos ou se eram outros indígenas, não Wuy juyũyũ.

TOCANTINS (1877) mencionou que as primeiras plantas semeadas foram mandioca, milho e cará, além de outras como plantas medicinais também.

- *O uso dos Ho'a rûn'a (machados polidos)*

O Aloizio me disse que antigamente, os machados polidos eram utilizados para derrubar árvores de porte grande e pequeno, e para realizar várias outras atividades, como cortar casca de tauwari para fazer parede das nossas casas e construirmos a nossas canoas. Os machados polidos eram utilizados para fazer roças e também para tirar copaíba, andiroba e mel de abelha, e também para quebrar ouriço para tirar castanha. Para derrubar uma árvore grande ou pequena os antigos Wuy juyũyũ tiravam as cascas das árvores, e depois começavam a cortar. Quando chegavam a alguns centímetros de profundidade, botavam fogo em palhas que enfiavam lá nessa entrada, e assim iam, até que conseguiam derrubar a árvore. Foi assim que os Ho'a rûn'a eram utilizados no passado pelo povo Wuy juyũyũ. Quando ficavam cegos eles podiam ser jogados fora ou levados de volta para aldeia para amolar.

- *A itĩg'a⁶ (cerâmica)*

Para nossos antepassados as cerâmicas eram como as panelas de alumínio que usamos hoje. Hoje os Wuy juyũyũ praticamente não fazem mais cerâmica, mas alguns ainda lembram de como se faz. Nas panelas cerâmicas as mulheres preparavam a comida e também faziam os mingaus de frutas. Tanto a Angélica quanto o Aloizio me disseram que as cerâmicas eram produzidos antigamente pelas mulheres e também pelos homens. A seguir descrevemos os passos para a produção cerâmica.

A preparação da pasta e roletes: A Angélica que mora na aldeia Caroyal disse que perto da roça do Ambrósio tem uma fonte de wuyda (argila), mas quando a mãe dela morava na aldeia Kaburuá tinha outra fonte perto de lá. A wuyda era misturada com cinza de caraipé. Caraipé vem da casca de uma árvore. A coleta do caraipé era feita pelos homens. Quando o tempero não era bem feito ou misturado, a panela explodia rapidamente na hora da queima. Quando o tempero era bem feito, a panela de cerâmica não explodia. Depois que a argila e o caraipé eram misturados, os roletes eram preparados. Era muito importante que a pasta ficasse bem feita para a

⁶ Essa é a forma de falar do Rio das Tropas. No Rio Kaburuá, na aldeia Katô e em Sai Cinza, a forma de falar é itĩg'á.

cerâmica não quebrar depois. Os roletes eram empilhados para construir a cerâmica.

Forma: As nossas panelas tinham duas formas, uma de contorno simples e outra de contorno infletido. O contorno simples é chamado de itĩg'a yanûnpi'ûm mat e o contorno infletido é chamado yanûntitate'at. A decoração das panelas era com engobo vermelho e engobo preto, conhecido como itĩg'a pat'pat'a e itĩg'a yaok'at'a (ou itĩg'a tôtô'a) respectivamente. Segundo Aloizio, as itĩg'a yanûnpi'ûm mat (panelas de contorno simples) não tinham alças, eram cobertas com argila vermelha e tinham desenhos na parede. Este desenho é conhecido pelos Muy'jugûgû como yôdut'tut (pintura de buriti).

Tratamento de superfície pré-queima: As paredes eram alisadas, primeiro a superfície interna e depois pela parte externa. Algumas pessoas usavam a mão e água para isso, outros utilizavam o caroço de inajá.

Grafismos: A pintura de buriti é aquele grafismo geométrico, e ainda é muito usado pelos Wuy juyÿyÿ antigos e de hoje para se tatuarem ou se pintarem. Essas panelas de cerâmica eram utilizadas para armazenar mingaus não cozidos.

Secagem: Depois de terminar esse trabalho era só secar no sol. Se a pasta não estivesse bem feita, as peças poderiam rachar neste momento. Se isso acontecesse, era possível pegar o material e começar tudo denovo.

Queima: Cascas de árvore, cana, palha de bananeira e de babaçu eram os combustíveis usados para queima. A cana e palhas eram colocadas dentro e as cascas eram colocadas sobre as panelas. As panelas ficavam viradas com a boca para baixo durante a queima. Quando a cerâmica ficava bem aquecida ela ficava vermelha e já se percebia que a cerâmica já estava pronta. Quando os combustíveis tinham virado carvão e cinza dava para tirar a cerâmica.

Tratamento de superfície pós-queima: Os Wuy juyÿyÿ antigos usavam bedeo'a e darut'a, que são breus brancos, para passar na superfície das panelas. Os bedeo'a eram tirados de dentro da árvore e os darut'a eram coletados como ouriços de

castanha. Eles eram passados quando a cerâmica ainda estava quente, para derreter sobre a superfície. Também podiam ser usados como uma cola para juntar a cerâmica rachada.

Classificação de cerâmicas Wuy juyũyũ: As Itĩg'a Pat'pat'a (cerâmica vermelha) podiam ser yanũntitate'at (com contorno infletido), ou itĩg'a yanũnpi'ũm mat (com contorno simples). Elas eram banhadas com engobo vermelho pela parte externa antes de serem queimadas. Segundo Aldilo Kabá, (comunicação pessoal, março 2019) as cerâmicas vermelhas e de contorno simples eram grandes e com alça. Elas serviam para armazenamento de bebida não fervida, não era para ir ao fogo. Essas cerâmicas eram utilizadas para bebidas fermentadas como caxiri, ou de frutas de palmeiras como taperebá, murici, açai, buriti, patuá e outras.

As Yaok'kat'a (cerâmica preta) eram panelas para cozinhar e por isso eram muito grandes e tinham alças. Carne, peixe e o mingau (como mingau de manicuera) podiam ser fervidos sobre o fogo.

- *As formas de enterramento*

Perguntei à Angélica sobre como eram os cemitérios antigos dos Wuy juyũyũ. Ela me disse que antigamente nós éramos enterrados dentro de casa, embaixo do piso. Os mortos eram enterrados dentro nas suas redes. O piso ficava um pouco elevado para os parentes e família ver onde estava enterrada a pessoa. Aos poucos a elevação baixava. A historiadora Angélica disse: “quando a minha irmã morreu, ela foi enterrada no piso da nossa casa”. As mulheres enterravam seus filhos debaixo de suas redes se eles morressem antes delas.

Pessoas como caciques, pajés e puxadores podiam ser sepultados em urnas cerâmicas. As urnas eram panelas antes utilizadas para atividades do dia-a-dia. Antes de serem enterrados em suas covas, esses conhecedores eram pintados com tinta de urucum e parentes de outras aldeias também vinham para fazer cerimônia. Os objetos que esses caciques, pajés e puxadores usavam em vida também eram colocados dentro da sepultura. Os enterros desses caciques, pajés e puxadores (homens ou mulheres) aconteciam na uk'sa (Casa dos Homens).

Antigamente seria errado enterrar as pessoas fora da aldeia, porque estaríamos abandonando os nossos parentes e deixando de cuidar deles. Apenas pajés bravos seriam enterrados longe das casas.

Hoje em dia isso não é mais assim. Depois da vinda dos franciscanos, os Wuy juyüyü ficaram proibidos de enterrar seus familiares em casa. Nossos mortos ficaram jogados para fora das nossas casas. Agora nossos cemitérios ficam ao lado das nossas aldeias. Hoje os mortos Wuy juyüyü são enterrados em caixões.

- *Como surgem novas aldeias*

Tanto os Wuy juyüyü antigos quanto os de hoje implantaram as suas aldeias onde tem fartura de caça, peixe, aves e frutas. Eles procuraram áreas de capoeira com terra preta, que são planas, para construir as aldeias e implantar as roças. As roças foram preparadas antes da aldeia, para ter mandioca e outros alimentos prontos na hora da mudança. Na hora de preparar a roça o espaço começava a ser limpo para construir as casas.

Os três principais fatores que levam ao deslocamento de aldeias entre o povo Wuy juyüyü são: acusações de feitiçaria, o aumento da população da aldeia, e a dificuldade de acesso.

Pela nossa cultura, quando uma pessoa é acusada de ser pajé brabo, ou é acusada de matar um parente dos outros através de feitiços, essa pessoa tem que fugir para longe para não ser morto pelos parentes ou familiares da pessoa que foi morta por feitiçaria. Isso levou e ainda leva pessoas acusadas de serem pajés bravos a fugirem para longe, junto com as suas famílias. No passado isso levou aldeias a se espalharem para diferentes regiões. As aldeias Decojêm e Kapikpik foram fundadas por pessoas acusadas de serem pajés bravos.

O Aloizio me contou que o aumento da população de dentro das aldeias também podia levar algumas pessoas a se separarem e criarem novas aldeias. Quando uma aldeia fica muito grande, há a diminuição de caças e pesca próximos da aldeia. As roças e plantios, coleta de frutas e castanhas fica muito longe. Assim fica difícil alimentar e sustentar as famílias. Isso aconteceu com muitas aldeias Wuy juyüyü,

por isso hoje existem aldeias Wuy juyũyũ espalhadas pela região. Essa informação me ajudou a entender a história Wuy juyũyũ, sobre como o nosso povo ocupou o seu território ao longo do tempo.

Antônio TOCANTINS (1877, p. 100) ainda comenta que "durante o verão, grande número de famílias deixam as *malocas* e vão construir ligeiras cabanas no meio das florestas, onde, assim isoladas, encontram mais abundante caça," então existiam também deslocamentos temporários que podemos considerar.

- *A dinâmica de ocupação do rio das Tropas no século XX*

Francisco Manhuary relatou sobre os deslocamentos de muitas aldeias Wuy juyũyũ de áreas interioranas e de interflúvio para as margens do rio das Tropas durante o século XX. Ele disse que com o estabelecimento da Missão Franciscana em 1911, os missionários franciscanos subiram para os campos nos interflúvios dos rios Cururú, Kabitutu e das Tropas e convidaram eles para viver nas margens desses rios. A primeira missão franciscana foi construída na aldeia Kapikpik no rio Cururú. O contato com os brancos trouxe muitas doenças para os Wuy juyũyũ, como catapora. Muitas crianças e velhos morreram. Perdemos muitos pajés e conhecedores artesãos que sabiam fazer flautas com os ossos dos inimigos e armas, pontas de projétil feitas de ossos, assim como machados de pedra polida, e ainda pessoas que sabiam acender o fogo. Essas mortes fizeram com que muitos Wuy juyũyũ decidissem voltar para os campos. Mas depois, houve um novo momento de deslocamentos, causado pela economia da borracha, fazendo com que muitos Wuy juyũyũ viessem mais uma vez a viver nas margens dos rios.

Josélino Paigõ também informou sobre o envolvimento dos Wuy'juyũyũ com a extração de borracha. Naquela época a família dele sofreu muito com as epidemias, muitos morreram. Segundo os pajés, isso foi causado pelos feitiços, conhecidos como jurupari, dos Kaiapós e Parintintins. Os Kaiapós e Parintintins assustavam muito as pessoas, porque andavam pela região naquela época, iam para o rio Crepori. À noite eles se aproximavam das aldeias e imitavam os sons de macacos, pássaros e outros animais. Os joropari matam as pessoas que andam sozinhos na floresta. É por isso que os antigos do rio das Tropas são conhecidos como jurupari e por isso que o rio das Tropas ficou conhecido como Joropadi, um rio muito perigoso.

Josélino explicou que esse contexto hostil de epidemias e ataques, que segundo Francisco Manhuary também estava acontecendo nas proximidades do rio Jamanxim, fez com que alguns Wuy juyũyũ voltassem para a aldeia Kaburuá que fica nos campos. Outros foram viver na margem esquerda do rio Crepori. Mas o Josélino e sua família continuaram na margem do rio das Tropas. Josélino disse que nas estradas da seringa, eles encontraram uma capoeira onde tinha uma aldeia abandonada, uma agõkabuk. Lá eles começaram a fazer uma roça para poder sustentar uma aldeia que eles vieram a ocupar. Esse foi o começo da aldeia Ku, que depois veio a ser chamada de Caruçal Rio das Tropas. O primeiro cacique da aldeia Ku foi Balbino Saw, tio do Josélino.

Mas com o passar do tempo, dizem Aloizio e Angélica, os Parintintins e Kaiapós sumiram. Um tempo depois, um Kaiapó chegou na aldeia Akodit Kabuk (Bananal) que fica no rio Kaburua, afluente do rio das Tropas. Ele se aproximou dos Wuy juyũyũ e começou a comer a nossa comida, então se casou com uma mulher Wuy juyũyũ. Então naquele momento entre Kaipós e wuy juyũyũ fizeram um “acordo de paz”. Ele tentou trazer outros Kaiapós mas não aconteceu, eles foram para o rio Crepori e Jamanxim. O grupo voltou uns anos depois e levou embora o Kaiapó e a mulher Wuy juyũyũ. Então os Wuy juyũyũ voltaram a ocupar a margem direita do rio Crepori, fazendo roças e estabelecendo novas aldeias.

Na época que a Terra Indígena Munduruku foi demarcada a FUNAI aconselhou os Wuy juyũyũ que vivem à margem direita do rio Crepori a se mudarem para o outro lado do rio. Mas eles continuaram a ocupar a área com suas roças, com a coleta de produtos da floresta, com a caça, com a pesca com timbó nos igarapés, porque essa área era conhecida por eles de muito tempo e lá eles sabem o que tem de alimento, remédios e produtos para construção das casas. Lá eles conhecem o nome dos igarapés e das aldeias antigas. Isso quer dizer que hoje nas margens do rio e na terra firme dentro da “FLONA” existem diversas marcas dos povos indígenas, antigas e recentes, e a “FLONA” na verdade faz parte do território do povo Wuy’juyũyũ. Isto me motivou a fazer um levantamento arqueológico dentro da “FLONA.”

- *A chegada dos evangélicos*

Josélino também conta sobre a chegada dos evangélicos no rio das Tropas. Um munduruku foi pra Jacareacanga, ainda era uma cidade pequena. Lá ele conheceu um pastor que pediu pra visitar a aldeia, então ele foi para a aldeia Caroyal, onde ele começou a pregar o evangelho. Ele escolheu um Wuy juyüyü para ser o “dirigente,” que representava os evangélicos entre os Wuy juyüyü, e esse Wuy juyüyü começou a pregar também na língua Wuy’juyüyü. O Aloizio disse que os evangélicos proibiram os Wuy’juyüyü de se tratar com os pajés. Isso deixou os Wuy juyüyü surpresos. No começo os Wuy juyüyü obedeceram os evangélicos, mas com o tempo eles deixaram de acreditar nisso e voltaram a se consultar com os pajés. Outra coisa que eu mesmo observei é que os evangélicos tentaram fazer a gente chamar todo mundo de irmã e irmão, não mais titio e titia, ou bay’a e ajõn. Mas isso não faz parte da nossa cultura e não temos aceitado.

2.4 Discussão

Antigamente os nossos antepassados lutaram e defenderam o nosso povo com arco e flecha diante dos seus inimigos. Agora essa luta mudou, agora a nossa arma são as nossas vozes, oca’õ. As oca’õ trouxeram reconhecimento da nossa luta para defender a nossa floresta e a nossa história e nosso território. Com as nossas vozes e caneta e papel na mão, estamos lutando contra empresas e outros invasores que ameaçam o nosso território. As oca’õ defendem a nossa terra mãe e nossa história que está guardada nos nossos lugares antigos e sagrados. Faladas e escritas, as nossas vozes se transformaram em nossa arma, com elas as nossas lideranças e representantes lutam e alertam, espalham o nosso pedido de socorro para os nossos apoiadores, aliados, parceiros e pesquisadores comprometidos com a nossa causa. Hoje a nossa luta e a nossa causa é manifestada em muitos lugares do mundo e nas universidades a partir de nossas vozes.

Hoje as histórias e o conhecimento Wuy juyüyü estão pouco contados e quase não estão escritos. É como se os Wuy juyüyü não tivessem mais história. Mas isso é porque não tem tradução, não tem pesquisador Wuy juyüyü estudando sobre o passado e o conhecimento cultural dos Wuy juyüyü e ainda não tem Wuy juyüyü formado para esse tipo de pesquisa. Isso faz com que os nossos lugares sagrados

corram perigo, porque muita gente mexe, pisa e risca as marcas antigas, o garimpo destrói, porque não entendem o valor desses lugares que é muito maior que o valor do ouro.

Oca'õ são para contar a nossa história e para lembrar do conhecimento da nossa cultura material, que foi transmitido pelos nossos antepassados. São para explicar sobre os vestígios dos nossos antigos. Os anciões, pajés, artesãos e puxadores das nossas aldeias são nossos grandes historiadores, eles são como as nossas bibliotecas nas aldeias. Eles guardam conhecimento que poucos têm. Esses contadores de história são formados em diversas áreas, porque eles sabem fazer arte, conhecem plantas medicinais, sabem cantar músicas tradicionais e sabem a história de lugares antigos, sabem do que existe no mundo Wuy juyũyũ. Eles são nossos cientistas. Por isso são os nossos professores em nossas aldeias, por saberem todas as histórias Wuy juyũyũ do passado e do presente. Por este motivo escolhemos essas pessoas para orientar o meu trabalho de pesquisa.

Por isso foi muito importante para a minha pesquisa e para a minha formação ouvir as nossas lideranças e anciões. O aprendizado com os anciões aconteceu em dois principais momentos, em 2015, na aldeia Dace Awatpu e depois em 2016, no rio das Tropas.

Na Assembleia Munduruku no médio Tapajós eu aprendi muito com as nossas lideranças que lutam por nosso povo. Na época tínhamos grande preocupação com o avanço do processo de construção de usinas hidrelétricas na bacia do rio Tapajós, que levaram à morte de Adenilson Kirixi. Também estávamos ameaçados pelas concessões madeireiras próximas da área de Daje Kapap Eïpi. Por isso o povo Wuy juyũyũ não aceita a presença de pesquisadores não autorizados e lutamos pelo nosso direito de consulta livre, prévia e informada de acordo com a nossa cultura. Em Dace Awatpu também aprendi que esse momento perigoso também nos trouxe união entre o povo Wuy juyũyũ e os beiradeiros de Montanha e Mangabal que ajudaram com a auto-demarcação.

Os quatro conhecedores que entrevistei em 2015 e 2016 me ensinaram sobre a chegada dos evangélicos, a dinâmica de ocupação do rio das Tropas no século XX,

sobre como surgem novas aldeias, sobre as formas de enterramento, sobre a itĩḡ'a⁷ (cerâmica), sobre o uso dos Ho'a rĩn'a (machados polidos), sobre a origem da agricultura antiga entre os Wuy juyũyũ, sobre a Cachoeira do Kerepoca, e sobre as mais antigas aldeias Wuy juyũyũ.

Em 2015 eu quis saber sobre a perspectiva dos conhecedores sobre o estudo arqueológico, sobre as nossas tecnologias antigas e sobre a agricultura. A partir das entrevistas que realizei em Dace Awatpu um novo caminho de pesquisa seria aberto, mais uma vez dentro de um contexto de conflito, agora no Alto Tapajós.⁸ Em 2016, em minha viagem para o rio das Tropas, eu pude realizar novas entrevistas, já informado pelas disciplinas que eu cursava em arqueologia.

⁷ Essa é a forma de falar do Rio das Tropas. No Rio Kaburuá, na aldeia Katô e em Sai Cinza, a forma de falar é itĩḡ'á.

⁸ Este contexto será melhor explicado no próximo capítulo.

3. ESTUDANDO AS AGÕKA E AGÕKABUK EM TERRITÓRIOS TRADICIONALMENTE OCUPADOS PELOS WUY JUYÛYÛ NO RIO DAS TROPAS - JOROPADI.

3.1 Introdução

Em 2015 o Joselino Paigõ me explicou que antigamente o rio das Tropas era conhecido pelos Wuy juyÛyÛ como Joropadi. *Joropari* significa demônio e *di* significa rio. O rio ganhou esse nome porque no final da década de 1970, muitas pessoas ficaram doentes aqui com febre, e muitas crianças morreram por causa dessas doenças. Isso foi causado por feitiços. Os velhos Wuy juyÛyÛ ainda chamam o rio assim. Os não índios colocaram o nome do rio como rio das Tropas, depois que os Wuy juyÛyÛ expulsaram os portugueses de lá, porque não aceitamos nos tornar escravos, o que foi confirmado pelo naturalista Barbosa RODRIGUES (1875, p. 120). Ele também escreveu que o povo Wuy juyÛyÛ chamava o rio das Tropas de Paitu-ury (1885, p.120). O cronista Manuel Aires de Casal registrou o nome Pitunzy (AIRES DE CASAL 1817, p. 93). Os Wuy juyÛyÛ não usam esses nomes hoje. Na primeira metade do século XX o rio das Tropas era muito perigoso por causa dos Caiapós e Parintintins que viviam nessa região e atacavam as pessoas.

Este capítulo irá descrever a etapa de levantamento de agõkabuk que realizamos em 2016, entre os dias 6 e 22 de outubro, no rio das Tropas, entre a Terra Indígena Munduruku e a Floresta Nacional do Crepori. Também registramos observações de interesse etnoarqueológico na aldeia (agõka) Caroçal Rio das Tropas. Agõkabuk são aldeias antigas, conhecidas em português como sítios arqueológicos do tipo habitação. Nelas estão presentes vestígios como fragmentos de cerâmica, lâminas de machados, terra preta (katô) e também plantas que foram deixadas pelos antepassados. Algumas das agõkabuk que registramos estão hoje embaixo de áreas de roçado ou mesmo de aldeias. Este trabalho representa a primeira expedição arqueológica a ser realizada no rio das Tropas.

A ideia de realizar este levantamento surgiu de lideranças Wuy juyÛyÛ do rio das Tropas que estavam preocupadas com planos de se realizar uma concessão

madeira dentro da Floresta Nacional (FLONA) do Crepori que fica ao lado da TI Munduruku e que integra o território tradicionalmente ocupado pelo povo Wuy juyüyü. Embora a FLONA Crepori localiza-se fora dos limites da TI Munduruku, a ocupação do povo Wuy juyüyü desta área é mais antiga do que a própria FLONA e continuamos ocupando a FLONA até hoje.⁹

Em vários lugares, concessões madeiras têm ocorrido em áreas de FLONA sem a realização do processo de licenciamento ambiental ou da consulta livre, prévia e informada (conforme determina a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho). A extração de madeira é uma atividade destrutiva do patrimônio biocultural (que inclui sítios e vestígios arqueológicos e locais sagrados) e lugares utilizados para caça e coleta de alimentos, plantas medicinais e materiais construtivos.

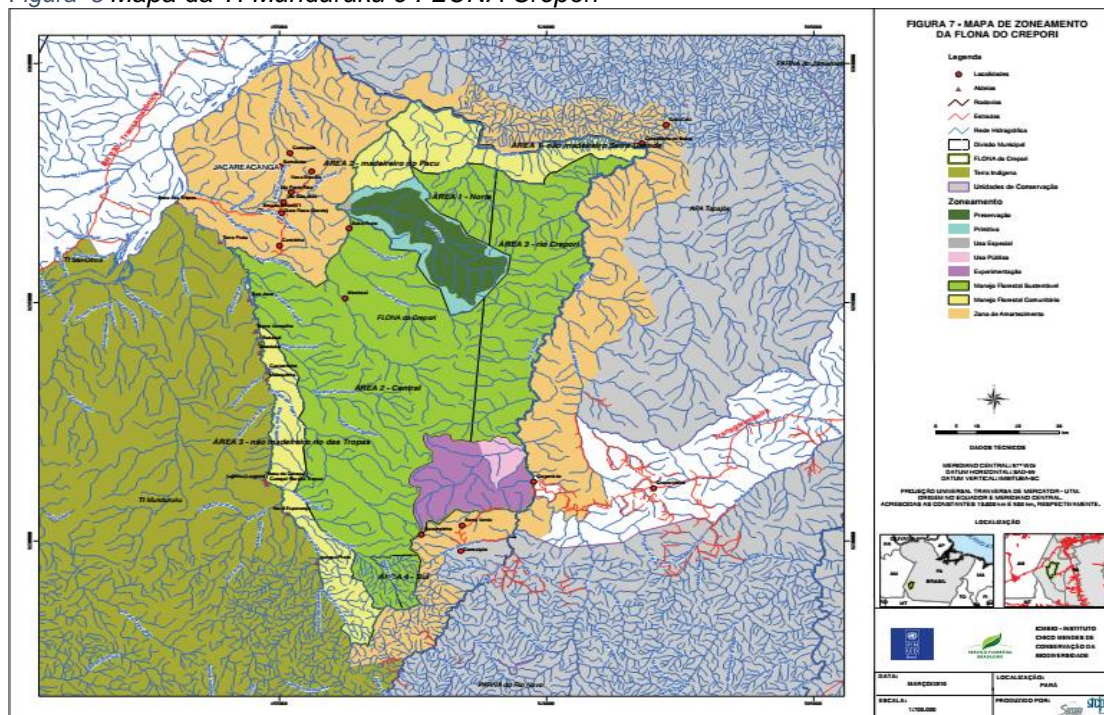
Essa região foi ocupada por povos indígenas diferentes há muito tempo e por isso têm muitas aldeias abandonadas dentro da área da "FLONA," tanto na margem do rio quanto na área de terra firme. Os Wuy juyüyü que vivem aqui sabem explicar a vida e história da floresta e do campo, sabem falar sobre os animais e plantas porque eles caçam, pescam e coletam lá, e têm suas roças lá, então quando andam pela área são como fiscais dela.

Quando, em 2006, a terra que veio a ser chamada de FLONA do Crepori pelo governo foi delimitada, isso separou a nossa terra da gente. Os moradores da região foram surpreendidos pelo plano de manejo que dizia como a área podia e não podia ser utilizada. Os Wuy juyüyü que viviam lá foram pressionados a sair e viver dentro dos limites da T.I. Munduruku e a partir de então muitas pessoas ficaram com medo de voltar criar novas aldeias lá. Mas essa área é uma fonte de alimentos e de recursos florestais para nós, ela contém a nossa história. Porcão, caititu, mutum, macacos e outros animais vivem lá. Lá também existem produtos vegetais importantes como ouriço de castanha, caroço de andiroba e copaíba, e frutas como açai, uxi e patuá. Materiais de construção de casas como palha de

⁹ Entendemos que "ocupação" envolve o plantio de roçados, expedições de caça e de coleta, não é apenas definida por dormir ou não em um lugar.

babaçu, cipós titicas e madeiras também estão lá. Ainda buscamos essas coisas lá, porque esse é o nosso território. Mas a coleta de mel foi proibida pelo ICMBio, o que nos prejudicou muito. Fomos tratados como inimigos da floresta, mas os inimigos não somos nós.

Figura 5 Mapa da TI Munduruku e FLONA Crepori



Fonte: http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-conservacao/crepori_plano%20de%20manejo.pdf Acessado em: 28/08/2016)

O rio das Tropas é próximo de um ecótono, de encontro entre o cerrado e a floresta. O rio das Tropas tem grandes áreas de floresta densa e alta e áreas mais abertas, de campo. A floresta inclui espécies domesticadas como castanheira (*Bertholletia excelsa*) e seringueira (*Hevea brasiliensis*), além de árvores como maçaranduba (*Manilkara huberi*) e tauari (*Couratari tauari*). Animais como capivara, mutum, porcão do mato, anta, onça e outros vivem na região. No período de seca encontramos diferentes tipos de peixes nos rios e nos lagos, como tucunaré, pirarara, pacu e aracu, além de outros animais (jacaré, arraia e cobra). Na época das cheias, entre os meses de outubro e fevereiro, no rio das Tropas formam grandes igapós. Nessa época, várias espécies se reproduzem.

O objetivo do trabalho de campo foi comprovar que a "FLONA" trata-se de território tradicionalmente ocupado por nós, e mostrar que a madeira não pode ser extraída sem consulta ao povo Wuy juyüü. Queríamos também mapear a aldeia Caroçal Rio das Tropas para melhor observar a organização do espaço da aldeia, incluindo as áreas de atividades como descarte, cultivo e habitação. Outro objetivo era para o trabalho me proporcionar a oportunidade de familiarização com métodos de prospecção arqueológica e registro documental (mapeamento, fotografias, anotações, coleta de coordenadas GPS).

Figura 6 Placa em um dos limites, junto à margem do rio, da "FLONA Crepori."



Fonte: Jair Boro Munduruku

3.1.1 Trabalho de campo

Autorizações: Antes de chegar já tínhamos a autorização para realizar a pesquisa da associação Pusuro e das lideranças do Movimento Ipereğ Ayü, e minha orientadora conseguiu autorização de pesquisa do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Em Itaituba, visitamos o escritório do ICMBio e a Coordenação Regional (CR) da Fundação Nacional do Índio (FUNAI). No dia em que chegamos apresentamos o projeto na aldeia Caroçal e recebemos

autorização da comunidade lá. As lideranças, representantes e moradores da comunidade foram ouvidos durante essa reunião, isso foi muito importante para o trabalho. Por exemplo, Raimundo Koro Munduruku, morador da aldeia Caroçal, nos informou sobre a localização das agõkabuk. De algumas ele lembrava da época em que eram habitadas. Outras ele encontrou durante saídas para caçar.

Acompanhado do pesquisador Morgan J. Schmidt (na época, ele estava associado ao Museu Paraense Emílio Goeldi) passei doze dias na região do rio das Tropas. Para comprovar a nossa ocupação tradicional do território, nosso plano era fazer um levantamento de sítios não interventivo (sem coleta de materiais arqueológicos). O tempo foi muito curto e não foi possível percorrer toda a área, mas registramos a presença de doze sítios arqueológicos.

3.2 Metodologia

Para realizar o levantamento das agõkabuk, ou sítios arqueológicos, nós primeiro fizemos entrevistas com moradores de diferentes comunidades (listados no capítulo anterior). Os Wuy juyũyũ que moram aqui conhecem esses lugares porque conhecem o território a partir de atividades de caça, coleta e roçado. As entrevistas foram gravadas com câmera de vídeo e gravador de som. Na aldeia Caroçal Rio das Tropas também realizamos uma reunião que contou com a presença de alunos do ensino fundamental e seus pais.

Figura 7 Reunião na aldeia Caroçal Rio das Tropas na qual projeto é apresentado à comunidade. O Professor Donato Saw Munduruku foi o relator da reunião.



Fonte: Morgan Schmidt.

Então visitamos os lugares indicados e fizemos o registro com fotografias, coleta de coordenadas GPS no meio e nos limites dos sítios, e descrições escritas. Algumas agõkabuk estão embaixo de aldeias atuais e nesses casos é fácil enxergar os vestígios arqueológicos. Os sítios da região apresentam fragmentos cerâmicas, montículos, machadinhos polidos e as colorações dos solos escuros como terra preta. Esta estratégia de levantamento foi vantajosa, devido ao curto tempo e recurso limitado com o qual contamos para realizar o trabalho. Este tipo de prospecção, baseada antes de tudo no conhecimento das pessoas que vivem sob ou próximos aos sítios arqueológicos, possibilita reconhecer grande quantidade de sítios, artefatos e outros elementos gerais de interesse arqueológico em pouco tempo.

Na aldeia Caroçal Rio das Tropas ainda fizemos um registro da aldeia atual, marcando pontos de lugares de interesse no GPS, como casas, áreas de atividade, trilhas, etc. Todas as visitas até as agõkabuk foram feitas com o acompanhamento do nosso amigo Raimundo Koro Munduruku, morador da aldeia Caroçal Rio das Tropas. Ele sabia da localização dos sítios arqueológicos e conhece a área, nos levou de barco e pelas trilhas e abriu picadas. Ele também nos ajudou a identificar

plantas que são indicadoras da presença humana passada na região, por denotar atividades de manejo (BALÉE 1989). Dentre essas, a concentração de palmeiras como waretay (inajá, *Maximiliana maripa*), wakori (bacuri, *Platonia insignis*), kosu (babaçu, *Attalea speciosa*) e de copaíba (*Copaifera langsdorffii*) e andiroba (*Carapa guianensis*), além de plantas e ervas medicinais em área de capoeiras servem como indicadores.

Figura 8 Coleta de coordenada GPS de casa na aldeia Caroçal Rio das Tropas.



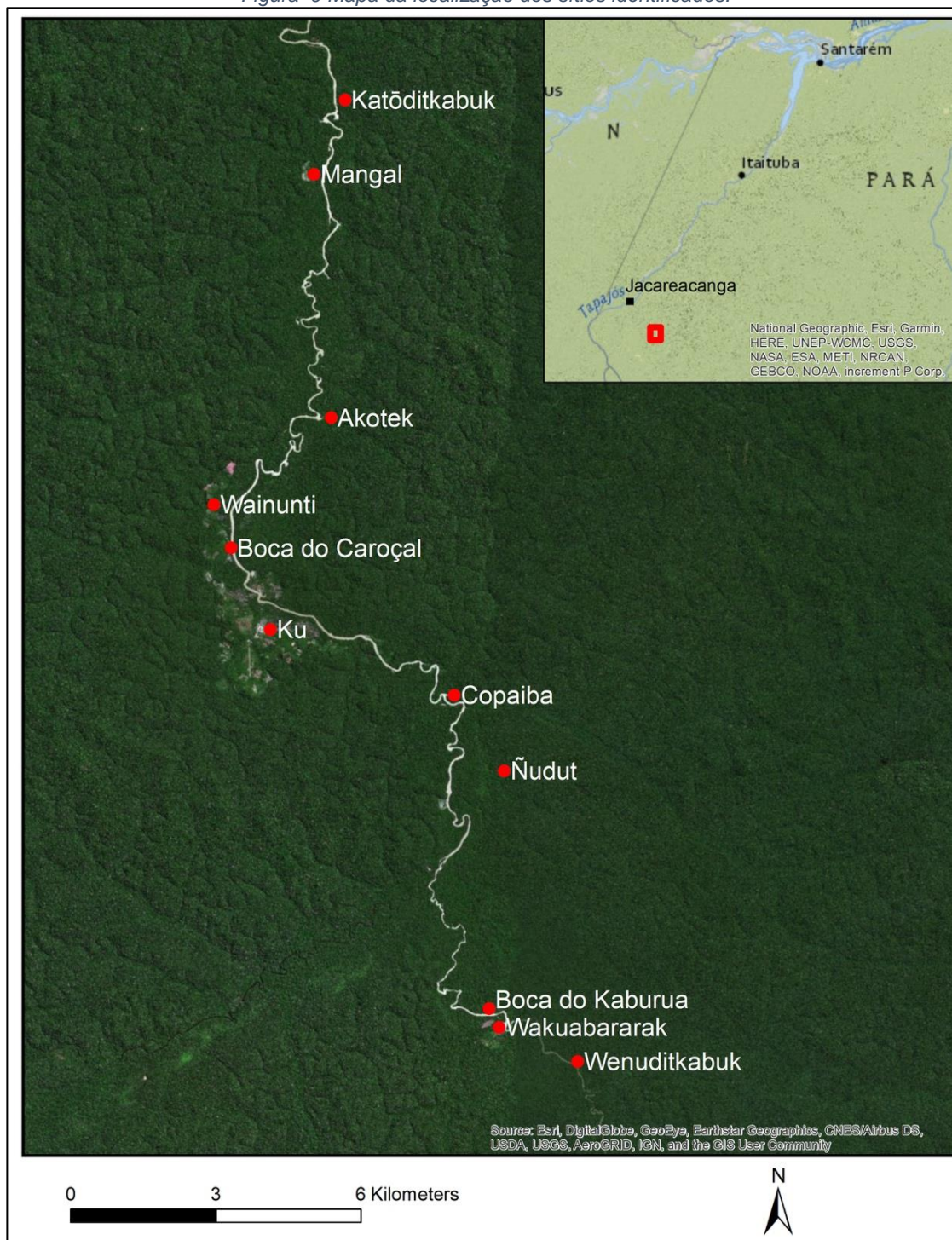
Fonte: Morgan Schmidt.

3.4 Resultados

Em doze dias de trabalho de campo foram registrados onze agõkabuk na região do rio das Tropas e a da FLONA do Crepori. Cincos deles estão sob agõka (aldeias atuais). Este grande número de sítios, encontrados em poucos dias, demonstra que a área pesquisada possui uma rica história. A partir das entrevistas ainda soubemos que no século XX houve um grande movimento de realocação dos Wuy juyũyũ da área do campo para as margens do rio das Tropas. Segue uma breve descrição das agõkabuk que registramos.¹⁰

¹⁰ Decidimos não compartilhar as coordenadas de GPS destes sítios para que essas informações não venham a ser utilizadas em estudos de licenciamento ambiental de obras que podem destruir os nossos territórios.

Figura 9 Mapa da localização dos sítios identificados.



Fonte: Mapa elaborado por Morgan Schmidt.

Tabela 3 Agōkabuk registradas durante expedição ao rio das Tropas.

Terra Indígena Munduruku	FLONA Crepori
Caroçal Rio das Tropas (Aldeia Caroçal)	Copaíba
Wakuabararak (Aldeia Nova Esperança)	Núdut'tit (Buritizal)
Wainunti	Wenuit'kabuk (Castanhal)
Boca do Caroçal (Boca do Caroçal)	Boca do Kaburua
Mangal	Akotek
	Katōdit'kabuk (Sobral)

- *Katõdit'kabuk (Sobral) - FLONA*

O sítio Katõdit'kabuk (que quer dizer aldeia antiga de terra preta em Muy'jugûgû) é também conhecido como Sobral. Ele está localizado em área de terra firme, a cerca de 30 minutos de caminhada por uma trilha vindo da margem direita do rio das Tropas. Hoje em dia o local é utilizado para plantio de melancia e milho. Aqui, além de terra preta de índio, identificamos uma grande quantidade de fragmentos cerâmicos, inclusive um com borda extrovertida. As paredes da cerâmica têm espessuras grossas e finas. Também localizamos material lítico lascados aqui. Há uma bacia de polimento no porto do sítio. Percebemos montículos e um caminho antigo relacionado a esta ocupação antiga. A vegetação da área é de capoeira.

Figura 10 Raimundo Kuru Munduruku indica bacia de polimento.



Fonte: Morgan Schmidt.

Figura 11 Arenito lascado. Figura 3.7. Borda cerâmica temperada com caraipé e quartzo.



Fonte: Morgan Schmidt

- *Mangal - T.I. Munduruku*

A Aldeia Mangal foi estabelecida em cima de uma agõkabuk, reconhecemos este lugar durante a visita. Esta área é ocupada pela família de Adonias Mu'o. Durante o reconhecimento do espaço nós vimos que o local teve gente morando após a invasão portuguesa devido à alta quantidade de mangueiras nessa área. Moradores relataram ter visto lâminas de machados polidos, e pudemos observar fragmentos de cerâmica na área da lixeira atual, que provavelmente foram queimados e varridos durante a limpeza da área. A vegetação da área é capoeira.

Figura 12 Caco cerâmico localizado no sítio Mangal.



Fonte: Morgan Schmidt.

- *Akotek - FLONA*

Este local era uma aldeia antiga conhecida como Akotek. Essa aldeia antiga está localizada à margem direita do rio das Tropas, atrás de um igapó. Durante a visita à área reconhecemos este lugar como sítio arqueológico porque têm a presença de fragmentos cerâmicos e katô, terra preta de índio. Avistamos a presença palmeiras frutíferas como taperebá e pupunha, além de mangueiras, que são fortes indícios de

ocupação humana passada no local. Existe um atalho por água nesta área, conhecido como varadouro, que é utilizado no período da cheia para a passagem de voadeiras ou canoas. Visitamos o local antes da cheia, e no caminho do varadouro encontramos fragmentos cerâmicos articulados, a borda contém impressões digitais. O sítio arqueológico nessa área foi mais impactado por bioturbações como buracos de palmeiras e áreas de formigueiro. A vegetação do entorno é capoeira.

Figura 13 Porto do sítio Akotek.



Fonte: Morgan Schmidt.

Figura 14 Fragmentos de bordas cerâmicas temperadas com caraipé. Figura 15 Borda cerâmica com impressão.



Fonte: Morgan Schmidt.

•

- *Wainunti - T.I. Munduruku*

O sítio fica em uma área de terra firme, pouco distante na margem do rio das Tropas, atrás de um igapó. Wainun é o nome dado a uma argila aluvial que era muito utilizada pelos Muy'jugûgû para fazer cerâmica. O igarapé Wainunti fica ao lado do sítio, que se estende para além de outro igarapé. A senhora Angelica Bõrõ contou que desse igarapé foram tiradas argilas para fazer cerâmica, e por isso que encontramos um caminho antigo de descida para o igarapé Wainun. Se o sítio representa só uma ocupação, antigamente aqui existiu uma aldeia muito grande. Este sítio contém terra preta e uma grande quantidade de materiais arqueológicos, como fragmento de cerâmica com borda digitada e dobrada, e também espessuras de parede grandes e finas, além de materiais líticos lascados em superfície. Hoje esta área é usada para uma roça.

Figura 16 Porto de sítio Wainunti.



Fonte: Jair Boro

Figura 17 Fragmento lítico. Figura 18 Quartzão lascado.



Fonte: Morgan Schmidt

Figura 19 Borda cerâmica com tempero de área fina e decoração feita a partir de impressão.



Fonte: Jair Boro.

- *Boca do Caroyal - T.I. Munduruku*

Durante a nossa visita à aldeia Boca do Caroyal, que está estabelecida entre uma área de declive íngreme onde há muitas plantas frutíferas e o igarapé e rio das Tropas, encontramos fragmentos cerâmicos nas áreas de lixeira e próximo ao igarapé também. Há uma mancha de terra preta aqui.

Figura 20 Sítio-aldeia Boca do Caroçal.



Fonte: Morgan Schmidt.

Figura 21 Caminho para a floresta, igarapé e para as roças.



Fonte: Morgan Schmidt

Figura 22 Rio das Tropas visto a partir da boca do igarapé Caroçal.



Fonte: Morgan Schmidt.

Figura 23 Caco cerâmico temperado com areia fina.



Fonte: Morgan Schmidt

- *Ku/Caroçal Rio das Tropas - T.I. Munduruku*

No sítio-aldeia Caroçal Rio das Tropas observamos a presença de katô (o solo é arenoso) e a superfície da aldeia contém material arqueológico (em especial fragmentos cerâmicos de diferentes espessuras). Este material, assim como a terra preta, está concentrado na área central da aldeia, onde tem uma área de descarte.

Talvez por não contar com a presença de árvores, nesta área tem muita erosão. A chuva já fez uma vala aqui por onde fragmentos cerâmicos têm sido levados até a beira da aldeia. Há uma bacia de polimento nas proximidades da aldeia, ao lado de um igarapé. Fizemos um mapa da aldeia Caroyal Rio das Tropas, e observações etnoarqueológicas, que apresentaremos mais adiante.

Figura 24 Área erodida no centro da aldeia Caroyal Rio das Tropas, onde encontramos concentração de vestígios.



Fonte: Morgan Schmidt

Figura 25 Bacia de polimento próxima à aldeia Caroyal.



Fonte: Jair Boro Munduruku

- *Copaíba - FLONA*

A agõkabuk chamada Copaíba fica na margem direita do rio das Tropas. Fomos levados para conhecer o lugar pelo Raimundo Koro que sabia que é uma área de terra preta de índio. A área de katô é extensa e está fechada pela vegetação.

Olhando para o solo revirado pelas raízes de uma árvore caída vimos uma grande quantidade de carvão, sugerindo atividade de queimada no passado. Aqui há também muitas castanheiras. Esta concentração de castanheiras velhas e jovens são um indício do manejo humano do passado.

Figura 26 Observando o solo por baixo de árvore caída.



Fonte: Morgan Schmidt.

- *Ñudut'tit/Buritizal - FLONA*

Esta agõkabuk está localizada em uma área de terra firme que está sendo utilizada para o plantio de melancia. A caminho do local, encontramos uma seringueira com marcas de extração de látex, indicando a ocorrência de atividades relacionadas à extração gomífera aqui no passado. Próximo ao sítio também existe um buritizal (ñudut'tit), que pode sugerir a presença humana no passado. Neste sítio encontramos uma grande quantidade de vestígios arqueológicos como fragmentos cerâmicos, rochas (quartzo e arenito) lascadas, terra preta de índio e montículos de terra. A vegetação atual do sítio é composta por uma capoeira.

Figura 27 Quartzo leitoso. Figura 28 Arenito lascado.



Fonte: Morgan Schmidt.

Figura 29 Fragmento de base cerâmica.



Fonte: Morgan Schmidt

Figura 30 Área de montículos. Observe o solo escuro.



Fonte: Morgan Schmidt.

- *Boca do Kaburua - FLONA*

A agõka e agõkabuk Boca do Kaburua estão localizadas à margem direita do rio das Tropas e ficam próximo à aldeia Wakoabararak (também chamada de Nova Esperança). Quando em Wakoabararak, a Dona Judite Mu'õ Munduruku nos informou sobre a ocorrência de lâminas de machados polidos na Boca do Kaburua que ela havia coletado. As lâminas que ela nos mostrou foram fabricadas a partir de diferentes técnicas e com diferentes matérias primas e têm diferentes formas e tamanhos. O sítio Boca do Kaburua ainda apresenta katô e muitos fragmentos de cerâmica aflorando em superfície. A vegetação predominante do sítio é de capoeira, mas no local são cultivados atualmente pimentão, cupuaçu, murici e urucum.

Figura 31 Quatro lâminas de machados polidos com estilos diferentes. *Figura 32* Dona Judite Munduruku mostrando machado fragmentado e inteiro.



Fonte: Morgan Schmidt.

- *Wakoabararak (Nova Esperança) - T.I. Munduruku*

A agõka Wakoabararak foi estabelecida em cima da agõkabuk, na margem esquerda do rio das Tropas. Fragmentos de cerâmica afloram em superfície e o sítio contém terra preta de índio e um montículo linear. A vegetação é de capoeira.

Figura 33 Sítio e agõka Wakoabararak. Figura 34 Porto da aldeia.



Fonte: Morgan Schmidt.

- *Wenudit'kabuk (Castanhal) - FLONA*

A agõkabuk Wenudit está localizada às margens do rio das Tropas. Devido à recente passagem de queixadas (porcão), foi possível avistar porções do solo (que é composto por terra preta de índio) e observar cacos cerâmicos. Identificamos também uma garrafa de vidro, possivelmente relacionada ao ciclo da borracha. Atualmente o local não é habitado. A vegetação é composta por capoeira e têm muitas castanheiras aqui, sugerindo o manejo antigo da área.

Figura 35 Borda cerâmica com tempero de areia fina. Figura 36 Garrafa de vidro avistada na trilha, possivelmente relacionada ao ciclo da borracha.



Fonte: Morgan Schmidt.

Figura 37 Wenu, ou castanheira, dentro da agōkabuk Wenudit.



Fonte: Morgan Schmidt

3.5 Observações etnoarqueológicas em Caroyal rio das tropas

A aldeia Caroyal Rio das Tropas tem bastante gente morando (em 2016, eram 332 pessoas), então achamos que seria um lugar interessante para realizar observações etnoarqueológicas. As nossas observações incluíram a organização do espaço, o formato das casas e os materiais construtivos utilizados, assim como atividades de limpeza e descarte. As observações etnoarqueológicas realizadas aqui nos ajudam a pensar no comportamento das pessoas e como esse comportamento vai deixando marcas e sinais no registro arqueológico. Isto pode contribuir para a nossa interpretação de outros sítios arqueológicos.

- *Organização do espaço e o formato das casas*

No centro da aldeia tem a escola, o posto de saúde e o barracão, conhecido como casa da comunidade, que é um espaço que fica aberto para festas (como comemoração do dia do índio), reuniões e outros encontros coletivos como cultos e encontros sobre a saúde.

Na aldeia Caroyal as construções de casas não são mais como no modelo antigo. Antigamente as casas eram construídas em forma de elipse, não tinham separações

internas como áreas de quartos e as cozinhas eram externas. Hoje, as casas são retangulares, tem divisão do quarto e cozinha acoplada. Com essa nova forma de casa que foi introduzida pelos pariwat, mudaram também os materiais de construção de casas, que podiam passar a incluir materiais industriais comprados na cidade. Mas esse nem sempre é o caso, podemos ter casas retangulares construídas apenas com materiais da floresta.

Figura 38 Casa retangular com cozinha acoplada e telhados de brasilit. Figura 39 Casa retangular pintada, feita de madeira com telhado de palha de babaçu.



Fonte: Morgan Schmidt.

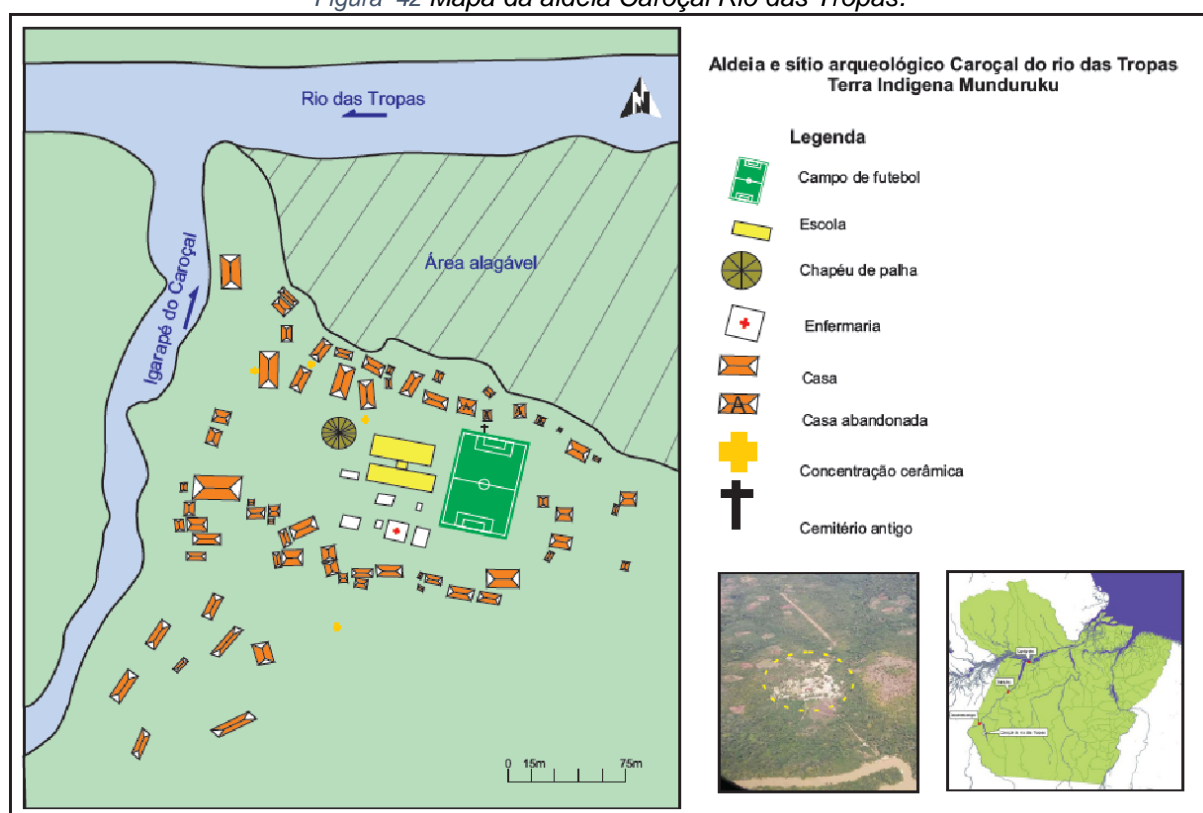
Após fazermos o mapeamento da aldeia, percebemos que mesmo que aqui as casas são retangulares, elas estão organizadas na forma das aldeias antigas Wuy juyüü, em círculo, e não em linha, como é a maioria das aldeias hoje (ver Figura 3.8). Antigamente no centro das aldeias ficava a Uk'sa, a casa dos homens. A forma das Uk'sa era triangular se vista de lado, como um grande tapiiri. Aqui só os homens se reuniam na hora de reunião, ou para descansar e dormir à noite. Quando os meninos chegavam à adolescência, eles passavam a frequentar a casa dos homens. As mulheres e as crianças dormiam separados, nas casas ao redor da Uk'sa. Elas também tinham uma líder que seria conhecida hoje como liderança. Hoje o barracão no meio da aldeia tomou o lugar da Uk'sa, mas diferente da Uk'sa, o barracão não é normalmente lugar para os homens dormirem e descansarem. É um lugar para a hora da reunião, do café da manhã ou de festas, como o Dia do Índio ou das festas tradicionais. No meio da aldeia é que se encontram as pessoas, nesse espaço aberto.

Figura 40 Casa retangular feita de barro com telhado de palha de babaçu. Figura 41 Casa retangular feita de paxiúba com telhado de palha de babaçu.



Fonte: Morgan Schmidt.

Figura 42 Mapa da aldeia Caroçal Rio das Tropas.



Fonte: Planta baixa elaborado por Jair Boro e Morgan Schmidt e arte final Hugo Lopes Tavares

- *Atividades e áreas de limpeza e descarte*

Durante um dia observamos atividades cotidianas de limpeza e descarte na agôka Caroçal Rio das Tropas. Essas atividades são principalmente realizadas por mulheres. A aldeia é limpa e objetos e restos são descartados todos os dias próximo às casas ou nos quintais das aldeias. Existem áreas de descarte separadas para restos orgânicos e restos não orgânicos. Restos orgânicos produzidos depois das refeições são varridos para área de lixeira próxima da casa. Esses restos incluem

restos de fogueiras (cinzas e carvão), casca de mandioca e macaxeira e de outros tubérculos como inhame, cará, batata doce, de vegetais ou de banana, escamas de peixes, ouriços de castanha. Aos poucos isso se transforma em terra preta, ou katô, que depois pode ser distribuído ao redor das plantas frutíferas ou verduras. Observamos que amontoados de lixo na periferia da aldeia acabam formando montículos. Os que vimos tem forma linear. Essas observações nos lembram o que foi notado por SILVA (2000) em aldeias do povo Asurini. ALMEIDA e GARCIA (2008) também apontam a existência de lixeiras nos entornos das aldeias.

Figura 43 Montículo linear criada pelo descarte na beira da aldeia Caroyal..



Fonte: Morgan Schmidt

As ossadas de animais caçados no mato são separadas e deixadas no local certo, não são jogadas nas lixeiras na beira da aldeia ou no mato. Sebastiana Saw nos explicou que as cabeças podem ouvir nossas conversas e por isso temos que tomar cuidado. As ossadas e pêlos de animais ficam próximas da casa do caçador que é o

seu dono.¹¹ Os Wuy juyüyü guardam essas cabeças ao lado ou próximo da casa para poder ganhar mais caças e ter sorte para encontrar animais do mato. A cabeça de animais como anta, porcão, paca, caititu, veado e queixada pode ser utilizada para o trabalho espiritual do pajé, porque essas cabeças estão conectadas com mundo espiritual. As cabeças e dentes de animais caçados também trazem perigo, até porque mexer, xingar ou brincar com elas pode levar os yakit (espíritos) a punirem as pessoas, que pode causar uma infecção, acidente ou mesmo a morte delas. Os crânios de animais não são lixo, porque essas cabeças são para chamar espíritos dos ancestrais e são usadas pelos espíritos, por isso as áreas onde ficam precisam ser cuidadas.

Figura 44 Cabeças de animais do mato.



Fonte: Morgan Schmidt.

O lixo principalmente não orgânico é levado para buracos de lixeira, que ficam mais distantes das casas, onde poderão ser queimados de vez em quando. Esses buracos podem ter um metro ou mais de profundidade. Aqui vão restos de materiais de construção, plástico, papel e também folhas secas e capim. As casas de privada

¹¹ Na aldeia Mangal, cabeças de animais caçados foram reunidas nos troncos de árvores diferentes.

também ficam na beira da aldeia, mais distantes das casas, em áreas de declive. Essas são construções mais recentes, influenciadas pelos agentes de saúde, porque antigamente as pessoas faziam suas necessidades no mato.

Figura 45 Buraco quase cheio com lixo não orgânico. Figura 46 Casa de privada na beira da aldeia e buraco de descarte já fechado na frente dela.



Fonte: Morgan Schmidt

3.6 Discussão

Em seu artigo “O plural e o Singular das Arqueologias Indígenas,” Fabíola SILVA (2012) fala sobre arqueologias colaborativas e descreve os tipos de motivações por trás de sua realização. Dentre eles, identifico a construção de uma história indígena de longa duração, assim como pesquisas etnoarqueológicas que têm como foco o entendimento da relação entre comportamento humano e cultura material e também situações relacionadas ao território (2012, p. 30) como pertinentes para a minha proposta de trabalho. Além disso, no nosso caso queríamos nos contrapor à realização de empreendimentos (concessões madeiras), em um processo externo ao licenciamento ambiental (que não é realizado para concessões em unidades de conservação).

Para mim, a Arqueologia e Etnoarqueologia são ferramentas para (re)construirmos a nossa história que está escrita nos lugares, nas coisas do passado, nas plantas, na memória do povo e no que foi escrito pelos próprios pariwat. Os lugares estão sempre conectados com o povo e jamais foram “abandonados,” como pensariam arqueólogos pariwat. A junção desses elementos mistura o presente e o passado e estamos fazendo isso pelo nosso futuro.

O meu trabalho foi guiado pelas Oca'õ e pelo conhecimento dos antigos. Em minha etapa de campo entrevistei historiadores e conhecedores e foi o conhecimento deles do território que nos levou até os sítios.

Respeitei as nossas regras sobre como realizar o meu trabalho de arqueologia, porque para temos regras sobre o que pode e o que não pode mexer das marcas dos antepassados e outras coisas, como as caveiras dos animais caçados. Não posso desrespeitar a regra de pesquisa arqueológica Wuy juyũyũ principalmente em locais importante para nós, que lutamos para preservar esses locais importantes.

As agõkabuk são as aldeias antigas e "abandonadas" que foram habitações de vários grupos indígenas que deixaram materiais e solos culturais em diferentes momentos. Encontrar as agõkabuk mostra que os povos indígenas nasciam, viviam e morriam nesses lugares. As agõkabuk não são realmente abandonadas, pois nelas vivem os espíritos e a memória dos nossos antepassados. Por isso é muito importante proteger e preservar esses sítios arqueológicos e realizar estudos sobre eles, que guardam muita informação sobre a nossa história.

A partir desta pesquisa de campo, que foi a primeira pesquisa arqueológica já feita no rio das Tropas, foi possível mostrar que o rio das Tropas tem muitos sítios arqueológicos, inclusive com terra preta, e bastante material arqueológico. Alguns desses sítios estão embaixo de aldeias atuais, outros estão em áreas que ainda visitamos e utilizamos. Isto comprova que essa região é habitada por povos indígenas e pelo povo Wuy juyũyũ há muito tempo, e que o nosso território é muito maior do que os limites da Terra Indígena Munduruku. Por isso, deveríamos ser consultados (conforme nosso Protocolo de Consulta) sobre empreendimentos que ocorrem ao redor da T.I. Munduruku, como na área da FLONA, pois esses empreendimentos podem impactar lugares que utilizamos para o nosso sustento e que guardam a nossa história.

Este trabalho foi realizado após o pedido de lideranças Wuy juyũyũ que estavam preocupadas com a invasão da área da FLONA onde os Wuy juyũyũ tiram seus alimentos, materiais de construção (como palhas e madeiras) e remédios. Atividades madeireiras também apresentam riscos para a vida de animais na

floresta, porque elas envolvem grande derrubada de árvores de grande porte e abrem áreas do tamanho de campos de futebol para o céu aberto, deixando animais perdidos, quando eles são os verdadeiros donos da floresta. Estas atividades madeireiras impactam diretamente os sítios arqueológicos onde os nossos antepassados viviam, porque a derrubada de árvores pode mexer e revirar o solo.

Mesmo sendo feita a partir do pedido de lideranças, para este trabalho de campo solicitamos autorização quando chegamos nas aldeias, sempre explicamos claramente o que estávamos fazendo. Quando chegamos em uma aldeia, chegamos na casa das pessoas e é preciso pedir licença. Além disso, os moradores são quem conhecem os lugares, e eles nos levaram para as agõkabuk. As entrevistas que realizei revelaram muitas informações importantes sobre a nossa história.

Esta expedição foi feita em parceria com Morgan Schmidt e me ensinou muito sobre como fazer prospecção arqueológica, visitando e observando sítios arqueológicos, identificando material (como cerâmica, material lítico, feições de polimento e machados polido) e fazendo o registro, com coleta de coordenadas no GPS, anotações e fotos.

Esta etapa de campo foi fundamental para eu colocar a arqueologia em prática e pensar em como ela pode ajudar o meu povo e pode servir para sabermos mais sobre a nossa história e a história dos nossos antepassados e dos antepassados dos nossos parentes não Wuy juyüyü. Não quero deixar os brancos apagarem a nossa história.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os caminhos que tenho seguido dentro da universidade e a partir da minha pesquisa baseada nas oca'õ, nas agõkabuk e nos registros escritos estão permitindo que eu retorne para o povo Munduruku com outro olhar. A arqueologia nos apresenta uma ferramenta poderosa para valorizarmos a nossa história, cultura e conhecimento, e é isto que pretendo continuar fazendo. Nós povos indígenas sempre olhamos para o futuro. Para enxergar bem, precisamos conhecer o nosso passado. A arqueologia vem para contribuir com o conhecimento guardado pelos nossos anciões e especialistas. E o conhecimento dos nossos anciões e especialistas contribui para entendermos a arqueologia e história da nossa região.

No primeiro capítulo, sobre as oca'õ Munduruku, eu pude aprender sobre vários aspectos importantes da nossa história e cultura material que poderão continuar a ser investigados no futuro. Nós Munduruku aprendemos as nossas histórias com contadores de histórias, que consultamos sentando e ouvindo. Por isso os contadores de história que têm a memória oral são como os nossos consultores. Essas são fontes muito importantes para podermos reconstruir a história Munduruku. A nossa aprendizagem da nossa história é diferente da dos não-índios, porque os não-índios aprenderam a sua história pela leitura de livros. As pessoas que conhecem e sabem são as nossas bibliotecas, são os donos da história antiga. Elas são testemunhas de histórias de lugares antigos e elas viveram por grandes mudanças nas últimas décadas. Foi muito importante escolher essas pessoas, lideranças e contadores de histórias para ouvir o que sabem da história de lugares pouco conhecidos nos territórios Munduruku.

As oca'õ me ensinaram sobre as mais antigas aldeias Munduruku e a Cachoeira do Kerepoca, sobre a origem da agricultura antiga entre os Munduruku e o uso dos Ho'a rûn'a (machados polidos), sobre a itîg'a (cerâmica), sobre as formas de enterramento, sobre como surgem novas aldeias, a dinâmica de ocupação do rio das Tropas no século XX e sobre chegada dos evangélicos, esses que têm trabalhado para apagar a nossa cultura e pensamento. As oca'õ me levaram de volta para o rio das Tropas, quando em Dace Awatpu, em território Dace Kapap Eïpi

no médio Tapajós em 2015 o Joselino Paigõ e Francisco de Assis Manhuary falaram para eu fazer uma pesquisa para mostrar que os Munduruku também ocupam a “FLONA” do Crepori, ameaçada por concessões madeireiras.

Seguindo sua orientação, realizei minha segunda etapa de campo, que envolveu o levantamento de agõkabuk nas margens do rio das Tropas, que faz a divisa entre a T.I. Munduruku e a “FLONA” Crepori. Este trabalho foi muito importante para a minha formação como arqueólogo e acredito que ele nos ajudará a mostrar como as fronteiras entre a Terra Indígena Munduruku e a Floresta Nacional do Crepori não levam em conta a nossa longa história nesta região. O nosso território tradicional ainda inclui a área da “FLONA,” que além de contar com agõkabuk, é onde temos roças novas e antigas e é onde retiramos recursos importantes. Por este motivo, devemos ser consultados sobre concessões e outras atividades dos pariwat dentro da “FLONA.”

Tentei atender às nossas demandas, empregando metodologias da Arqueologia e Etnoarqueologia para registrarmos marcas do passado e sítios arqueológicos no rio das Tropas, além de práticas do presente que estão gerando novos sítios, deixando novas marcas.

A Arqueologia que muitos pariwat fazem não estuda a conexão entre os povos indígenas vivos hoje e o registro arqueológico. Esses não índios não se envolvem nos conflitos que nos ameaçam, como se os lugares fossem separados de nós. Apenas escavam, coletam e analisam materiais para interpretar dados arqueológicos.

Como todos sabem, os nossos problemas são múltiplos e são grandes. Lutamos todos os dias contra muitos inimigos, vivemos no conflito. Os nossos direitos têm sido violados continuamente, especialmente nos últimos anos. A construção da barragem de Teles Pires, que destruiu Karobixexe, também conhecida como a Cachoeira das Sete Quedas, nos traz muita dor, angústia e muitos problemas. Não existe compensação possível para este crime contra o nosso povo. E como se isso

não bastasse, sabemos de planos do governo para construir mais barragens no rio Tapajós. Isto nos causa revolta.

Não podemos deixar que isto aconteça.

Apenas queremos viver em paz.

Por que o pariwat quer destruir ocekadi, o nosso rio, que é a nossa vida e a nossa história?

Desde 2016, o garimpo veio com muita força para o rio das Tropas. Diferente do garimpo manual, novas máquinas como PCs chegaram e elas estão arrasando com a nossa terra, e levando à destruição das marcas dos nossos ancestrais, de muitas agōkabuk que nem foram registradas, e que só ficaram na memória dos nossos anciões. O garimpo traz com ele muita violência, contra nós, contra os espíritos, contra a nossa história, contra os animais e contra as plantas. Agora o presidente do Brasil quer legalizar o garimpo em terras indígenas, esta situação só pode se agravar.

4.1 Próximas etapas

Como demonstramos, o nosso território é rico em história, está cheio de marcas, agōkabuk, de memórias, de vida. Nossos anciões têm muito a nos ensinar. Este trabalho foi só o começo, temos muito trabalho pela frente. Precisamos aprender com os anciões sobre como se fazia cerâmica e como se faziam as tatuagens. Precisamos, junto com caciques, lideranças e representantes Munduruku avançar com o levantamento de marcas do passado, agōkabuk, antigas roças, lugares sagrados e lugares de memória, nas florestas nos campos (koyunpi) dos rios Crepori, das Tropas, Cabitutu, Cadiriri e Cururú, no alto e no médio Tapajós, incluindo em Daje Kapap Eipi, e no baixo rio Teles Pires. Precisamos pensar em como vamos proteger o nosso patrimônio histórico e cultural, como vamos proteger nossos lugares sagrados – antes que eles sejam destruídos, e com eles, a nossa própria cultura e identidade.

REFERÊNCIAS

AIRES DE CASAL, M. (1976 [1817]). **Corografia brasílica ou relação historicogeográfica do Reino do Brazil composta e dedicada a Sua Majestade fidelíssima por hum presbitero secular do Gram Priorado do Crato**. Tomo 1. Impressão Régia, Rio de Janeiro.

ALMEIDA, F. O.; GARCIA, L. G. Aspectos do Espaço Tupinambá no leste Amazônico. **Revista de Arqueologia (Sociedade de Arqueologia Brasileira)**, v. 21, p. 97-120, 2008.

BURKE, P. **A nova história, seu passado e seu futuro**. In: A escrita da história: novas perspectivas. UNESP, São Paulo. 1992.

BALÉE, W. 1989. The culture of Amazonian Forests. In: POSEY, D. e BALLÉE, W. (org.) **Resource Management in Amazonia: Indigenous and folk strategies**. New York Botanical Gardens, Nova Iorque, p. 1-21.

HONORATO DE OLIVEIRA, V. E.; ROCHA, B. C. 2013. **Levantamento arqueológico no município de Itaituba, PA**. Relatório final entregue ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, biênio 2011-2013.

MENÉNDEZ, M. 1992. A área madeira-Tapajós: situação de contato e relações entre colonizadores e indígenas. In: M.M.C Cunha, (org.) **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 281-296.

MURPHY, R.F. & MURPHY, Y. **As Condições Atuais dos Mundurucú**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. Série provisória. Publicação no. 8, 1957.

RODRIGUES, J. B., 1875. **Exploração e estudo do vale do Amazonas: Rio Tapajós**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional.

SILVA, F.A. 2000. Produção e uso da cultura material e a formação do registro arqueológico: o exemplo da cerâmica dos Assurini do Xingu. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v. 23, n.32, p. 59-110.

_____. 2012. O Plural e o Singular das Arqueologia Indígenas. **Revista de Arqueologia da SAB**, v. 25, n. 2, p. 24-42.

TOCANTINS, A.M.G. 1877. **Estudo sobre a tribo “Munduruku”**. Revista trimestral do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, p. 73-161.

APÊNDICE A

GLOSSÁRIO MUNDURUKU E PORTUGUÊS

Agõka significa aldeia atual.

Agõkabuk significa aldeia antiga ou abandonada.

Bedeo'a e **darut'a** significam breus.

Corariwat significa o Povo do Tauari.

Di significa rio.

Ho'a rûn'a significa machados polidos.

Itîg'a significa cerâmica.

Itîg'a yanûnpi'ûm mat significa vasilha cerâmica com contorno simples.

Itîg'a pat'pat'a significa cerâmica com engobo vermelho.

Itîg'a yaok'at'a ou **itîg'a tôtô'a** significa cerâmica com engobo preto.

Joropari significa demônio.

Karo Ebak significa origem das plantas

Karosakaybu significa Deus.

Korojõjõ'a significa batata.

Ku significa Roça.

Ocaõ significa vozes.

Uk'sa significa Casa dos Homens.

Xîn significa farinha feita de batata grande.

Wainun significa argila aluvial.

Weoat significa coisa sagrada.

Wita significa ralador.

Wuyda significa argila.

Wuy juyÿyÿ significa o povo Munduruku, como gente ou pessoas.

Yakit significa espíritos.

Yanûntitate'at significa cerâmica contorno infletido.

Yõdut'tut significa pintura de buriti.

APÊNDICE B

RELATÓRIO DO PROJETO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA “LANÇANDO OLHARES ARQUEOLÓGICOS SOBRE EXPEDIÇÕES NATURALISTAS NO RIO TAPAJÓS E SUAS COLEÇÕES ETNOGRÁFICAS”

Por restrições de tempo, não foi possível incorporar a terceira pesquisa de iniciação científica realizada pelo Jair Boro intitulada “*Lançando olhares arqueológicos sobre expedições naturalistas no rio Tapajós e suas coleções etnográficas,*” e financiada pela Universidade Federal do Oeste do Pará (PIBIC-Ações Afirmativas), como capítulo que integrasse o TCC. Para que fique registrado o trabalho que ele desempenhou com este importante auxílio, incluímos o relatório que escrevemos conjuntamente em anexo.

Bruna Cigaran da Rocha
Orientadora